

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Mestrado em Educação Pré-escolar

Importância atribuída pelos pais ao ato de brincar dos seus filhos

Sara Filipa Vieira Saraiva

Relatório Final realizado no âmbito da área científica de
Prática de Ensino Supervisionada

Orientadora: Mestre Teresa Meireles

Lisboa

Dezembro 2014

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Mestrado em Educação Pré-escolar

Importância atribuída pelos pais ao ato de brincar dos seus filhos

Sara Filipa Vieira Saraiva

Relatório Final realizado no âmbito da área científica de
Prática de Ensino Supervisionada

Orientadora: Mestre Teresa Meireles

Lisboa

Dezembro 2014

Epígrafe

“Brincar é condição fundamental para ser sério”.

(Arquimedes)

Dedicatória

Ao meu namorado.

Pela paciência e por acreditar em mim.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, professora Teresa Meireles, pela sua enorme paciência, suporte, disponibilidade, compreensão e orientação para a realização deste trabalho.

Aos meus professores do Curso de Mestrado pelo que me ensinaram.

Ao meu namorado, meu amor e meu melhor amigo, por me apoiar incondicionalmente, pelos seus comentários e sugestões. Agradeço toda a força que me deu para a consecução deste trabalho.

À minha mãe, minha melhor amiga, pelo amor, compreensão, paciência e amizade, por estar comigo sempre e acreditar nas minhas capacidades, confiando. Pela transmissão de valores e conhecimentos essenciais para a minha formação.

Aos meus avós, agradeço pelo amor, orgulho, suporte emocional e toda a força que sempre me deram, fazendo com que chegasse até aqui. Agradeço a vocês por se encontrarem sempre presentes na minha vida.

Aos meus futuros sogros, por toda a força transmitida e que sempre me questionaram sobre como estava a decorrer o trabalho, acreditando que o acabaria a tempo e horas.

Aos meus amigos, que estiveram sempre ao meu lado e me estimularam para a finalização deste trabalho.

À minha educadora cooperante e respetiva auxiliar da ação educativa, que possibilitaram, com a sua experiência, profissionalismo, dedicação e disponibilidade a realização deste trabalho.

Aos pais inquiridos, pela sua disponibilidade e compreensão, tornando possível a concretização deste estudo.

A todos, um muito obrigada.

Resumo

O presente relatório insere-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de Mestrado em Pré-Escolar, desenvolvida em contexto de jardim-de-infância e tem como principal objetivo entender a importância atribuída pelos pais/encarregados de educação ao ato de brincar e conhecer quais as opiniões dos mesmos sobre a brincadeira dos seus filhos/educandos. Com a finalidade de entender hábitos lúdicos entre pais e filhos, entender que tipo de brincadeiras a criança utiliza e ainda conhecer opiniões dos pais sobre o ato de brincar dos filhos, foram questionados vários encarregados de educação. Os dados foram coletados através da utilização da metodologia de pesquisa qualitativa por meio de questionários. As principais conclusões sugerem que os participantes no estudo atribuem importância às brincadeiras livres da criança procurando fomentá-las tendo em vista o desenvolvimento da criança.

Palavras- chave: família, aprendizagem, faz-de-conta, criança, brincar.

Abstract

This report falls under the Supervised Teaching Practice of the Master Course in Preschool, developed in the context of kindergarten, and its main objective is to understand the importance given by parents/guardians to the act of playing and to know their opinions regarding their children's play time. In order to understand the playful habits between parents and children, what kind of games the child uses and even the parent's views on the act of playing with their children, various parents were questioned. Data was collected through the use of qualitative research methodology using questionnaires. The main findings suggest that the study participants value the free play of children seeking to foment them and their development.

Keywords: family, children, playing, learning, pretend.

Índice

Epígrafe.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice.....	viii
Índice de gráficos	xi
Índice de quadros	xii
Índice de anexos	xiii
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	4
1. O Brincar	4
1.1. O conceito de brincar segundo vários autores.....	4
1.2. O brincar do ponto de vista sociológico	6
1.3. O brincar do ponto de vista psicológico	8
1.4. O brincar do ponto de vista emocional.....	9
1.5. O brincar como potenciador de aprendizagem.....	11
2. Conceito de brincar de acordo com as fases de desenvolvimento da criança segundo Vygotsky.....	18
2.1. Fase sensório-motora	18
2.2. Fase pré-operatória.....	18
2.3. Fase das operações concretas	22
3. A importância do brinquedo	26
4. A relação família – brincadeira.....	31
Capítulo II – Opções metodológicas	39
1. Objetivos	39

2. Amostra	40
3. Caracterização da escola	41
4. Técnica de recolha de dados	42
5. O questionário como instrumento de investigação	42
6. Descrição do questionário	45
7. Descrição dos procedimentos.....	46
8. Apresentação e tratamento de dados	47
Capítulo III – Apresentação, análise e discussão dos resultados	48
1. Descrição da amostra.....	48
1.1. Quem preencheu o questionário.....	48
1.2. Caracterização das crianças.....	49
1.3. Número de pessoas do agregado familiar.....	49
1.4. Caracterização da mãe	50
1.5. Caracterização do pai.....	51
2. Hábitos lúdicos da criança	51
2.1. Hábitos lúdicos da criança em casa.....	51
2.2. Brincadeiras realizadas pelos pais com as crianças	52
2.3. Frequência com que os pais brincam com as crianças.....	53
3. Opinião dos pais sobre o ato de brincar dos filhos	54
3.1. Concepções dos pais sobre o ato de brincar das crianças	54
4. Formas de ocupação do tempo livre pela criança quando está em casa.....	57
5. Opções familiares para a frequência de lugares com as crianças nos tempos livres	58
5.1. Lugares frequentados pelos pais com as crianças	58
6. Brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos	59
6.1. Brincadeiras de faz-de-conta realizadas entre pais e filhos.....	59
6.2. Frequência com que ocorrem brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos	60

6.3.	Materiais utilizados pelas crianças nas brincadeiras de faz-de-conta	61
6.4.	Incentivo dos pais à fantasia e à imaginação das crianças	63
6.5.	Formas de incentivo dos pais à fantasia e à criatividade das crianças	63
6.6.	Opinião dos pais sobre a contribuição das brincadeiras de faz-de-conta para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos seus filhos.....	65
7.	Brincadeiras no contexto de Jardim de Infância	66
7.1.	Conhecimento dos pais sobre as brincadeiras realizadas pelos filhos no Jardim de Infância	66
7.2.	Brincadeiras realizadas no Jardim de Infância conhecidas pelos pais.....	67
7.3.	Conhecimento dos pais sobre quais os materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos disponíveis no Jardim de Infância	68
7.4.	Materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos disponíveis no Jardim de Infância conhecidos pelos pais	69
	Conclusões.....	71
	Referências bibliográficas	76
	Anexos	78

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Género do respondente	48
Gráfico 2 - Idade dos filhos dos respondentes.....	49
Gráfico 3 - Género dos filhos dos respondentes.....	49
Gráfico 4 - Número de pessoas do agregado familiar.....	49
Gráfico 5 - Habilitações literárias da mãe	50
Gráfico 6 - Idade da mãe.....	50
Gráfico 7 - Habilitações literárias do pai.....	51
Gráfico 8 - Idade do pai	51
Gráfico 9 - Com quem brinca a criança quando está em casa.....	51
Gráfico 10 - Tipos de brincadeiras realizadas entre pais e filhos.....	52
Gráfico 11 - Frequência com que os pais brincam com as crianças	53
Gráfico 12 - Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)	53
Gráfico 13 - Opinião dos pais sobre o conceito de "Brincar"	54
Gráfico 14 - Ocupação do tempo livre da criança quando fica em casa.....	57
Gráfico 15 - Lugares frequentados com os filhos nos tempos livres	58
Gráfico 16 - Frequência com que ocorrem brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos.....	60
Gráfico 17 - Incentivo dos pais relativamente à fantasia e à imaginação do seu filho durante a brincadeira de faz-de-conta	63
Gráfico 18 - Conhecimento dos pais relativamente às brincadeiras de faz-de-conta realizadas no Jardim-de-Infância	66
Gráfico 19 - Brincadeiras realizadas no Jardim de Infância conhecidas pelos pais	67
Gráfico 20 - Conhecimento dos pais relativamente aos materiais de enriquecimento pedagógico disponível no Jardim-de-Infância.....	68
Gráfico 21 - Materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos disponíveis no Jardim de Infância conhecidos pelos pais.....	69

Índice de quadros

Tabela 1 - Brincadeiras de faz-de-conta realizadas entre pais e filhos	59
Tabela 2 - Materiais utilizados pelas crianças nas brincadeiras de faz-de-conta	61
Tabela 3 - Formas de incentivo dos pais à fantasia e à criatividade das crianças	63
Tabela 4 - Opinião dos pais sobre a contribuição das brincadeiras de faz-de-conta para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos seus filhos	65

Índice de anexos

Anexo 1 – Questionário aplicado	79
Anexo 2 – Pedido de autorização à aplicação dos questionários	84
Anexo 3 – Questionários preenchidos	86

Introdução

“Brincar é considerado como uma atividade de muita importância no desenvolvimento da criança. De um modo geral, quer os educadores profissionais, quer os estudantes (quer mesmo os pais, se considerarmos o trabalho de Van der Kooij e Hurk, 1991) pensam que brincar é importante para qualquer das dimensões do desenvolvimento.” (Neto, 2003, p. 113).

O presente estudo foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, em contexto de Jardim de Infância, no ano letivo 2013/2014.

Este relatório pretende refletir sobre a “importância atribuída pela família ao ato de brincar das crianças”, sendo este o tema do presente trabalho. Deste modo, emergiu a seguinte questão de investigação: Como os pais tendem a compreender e acompanhar o ato de brincar e quais as opiniões dos mesmos sobre a brincadeira dos seus filhos/educandos? Esta surgiu da curiosidade em perceber até que ponto num contexto socioeconómico específico, como o encontrado na instituição em causa, os pais lidam com o ato de brincar dos filhos, assim como em conhecer as opiniões dos pais sobre as brincadeiras desempenhadas pelos seus filhos. Decidimos não focar a nossa pesquisa na brincadeira em sala pois, como pudemos observar, a educadora cooperante dava grande importância e liberdade à mesma. Posto isto, e sabendo o quanto a educadora aposta no desenvolvimento da atividade lúdica, tivemos vontade de compreender se também os pais, uma vez inseridos num meio socioeconómico específico, seriam da mesma opinião. Por ser um tema do nosso agrado e de interesse relevante para a nossa formação considerámos importante estudá-lo no plano da revisão bibliográfica que nos revelou mais sobre o ato de brincar. Embora já soubéssemos o quão importante o brincar é para uma criança, tínhamos, como futuras educadoras, interesse e curiosidade em conhecer a opinião dos pais sobre este assunto.

O interesse deste tema surgiu com base no estágio realizado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, no grupo de quatro anos de idade de um Colégio situado no Concelho do Seixal. Em contexto pedagógico pudemos constatar a extrema relevância da brincadeira e do seu efeito motivacional junto do grupo em observação, pelo que considerámos pertinente para o nosso estudo conhecer as perceções dos pais.

Ao longo do estudo tivemos o privilégio de contactar diariamente com a educadora cooperante, a auxiliar da ação educativa, os pais das crianças do grupo, as outras educadoras cooperantes e a comunidade educativa, no geral.

O objetivo primordial desta investigação visa tentar entender o valor atribuído pelos pais/encarregados de educação ao ato de brincar a partir do conhecimento sobre a opinião dos mesmos acerca da brincadeira dos seus filhos/educandos. Deste objetivo geral emergem os seguintes objetivos específicos: conhecer hábitos lúdicos entre pais e filhos; entender que tipo de brincadeiras a criança utiliza; conhecer opiniões dos pais sobre o ato de brincar dos filhos; identificar formas de ocupação do tempo livre pela criança quando está em casa; conhecer opções familiares para a frequência de lugares com as crianças nos tempos livres; conhecer que tipo de brincadeiras de faz-de-conta os pais/encarregados de educação brincam com os seus filhos/educandos.

Em termos estruturais, o trabalho encontra-se organizado em três partes: a primeira diz respeito ao enquadramento conceptual que o suporta, a segunda engloba a contextualização da PES e a terceira parte é constituída pela parte empírica do estudo.

A primeira parte, respeitante à revisão da literatura, enquadra o primeiro capítulo, o qual aborda, essencialmente, o conceito de brincar segundo vários autores, o brincar de acordo com diversos pontos de vista como o sociológico, o psicológico, o emocional e o pedagógico. Este capítulo aborda também o conceito de brincar de acordo com as fases de desenvolvimento da criança segundo Vygotsky, a importância do brinquedo e a relação família-brincadeira.

No segundo capítulo procedemos à apresentação e descrição de todo o processo metodológico da investigação. É neste capítulo que justificamos as opções metodológicas e instrumentos de recolha de dados utilizados ao longo da investigação, bem como apresentamos as questões de pesquisa, os objetivos delineados, a caracterização dos participantes assim como os procedimentos metodológicos. Neste capítulo fazemos também uma contextualização da PES onde apresentamos e descrevemos a instituição, o grupo de crianças e o ambiente educativo onde realizámos a nossa prática.

O terceiro capítulo do estudo diz respeito à apresentação e análise interpretativa dos dados obtidos no decorrer do estudo, analisando e interpretando os dados obtidos através dos questionários.

Nas considerações finais procurámos refletir sobre o estudo e retirar algumas lições do mesmo. É, também, neste ponto, que refletimos sobre o quanto este trabalho constituirá um contributo para o nosso desenvolvimento, quer profissional, quer pessoal.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1. O Brincar

1.1. O conceito de brincar segundo vários autores

Vygotsky (1979), citado por Mendosa (2012), defende que o brincar, muitas vezes, para nós adultos, parece ser um ato de pura distração e gasto de energia, mas para a criança representa um instrumento importantíssimo no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e psicológico.

Kishimoto (1996), citado por Viegas (2007), refere que a brincadeira é uma atividade prazerosa, relaxante, envolvente, através da qual a criança aprende regras e linguagens. O autor aponta também o brincar como sendo uma ferramenta essencial para que a criança se expresse, aprenda e se desenvolva tanto física como psicologicamente.

Garvey (1992), apresenta o brincar de cinco formas diferentes. A primeira forma refere que o brincar mesmo que não apresente sinais de euforia ou de alegria é sempre avaliado como sendo agradável e divertido pela criança que brinca. A segunda forma descreve o brincar como não tendo objetivos extrínsecos, ou seja, a criança não utiliza a brincadeira como meio para atingir algum objetivo, o que a leva a brincar a partir das suas motivações intrínsecas. A terceira forma assume o brincar como uma ação livre, espontânea e voluntária por parte de quem brinca, desta forma começa a ser visível o motivo pelo qual as crianças sentem tanto prazer em brincar, pois tudo o que é feito de livre vontade entregamo-nos mais vigorosamente e é sempre muito mais prazeroso do que o que é feito forçosamente. A quarta, e penúltima forma, transmite a ideia de que o brincar envolve empenho por parte de quem brinca. Por último, a quinta forma refere que o brincar mantém, paradoxalmente, uma relação com o que não é brincar. De acordo com Garvey (1992), uma das explicações mais elaboradas para o brincar foi estudada por Herbert Spencer que definiu o excesso de energia como o principal motivo para que as crianças brincassem. Spencer elaborou a hipótese de que o excesso de energia acumulado teria de ser libertado, ao não existirem tarefas suficientemente exigentes fisicamente para a criança realizar, este excesso de energia é descarregado através da brincadeira.

Também o psicólogo G. Stanley Hall propôs uma teoria, a teoria da «recapitulação». Esta teoria afere que “as brincadeiras das crianças refletem o decurso da evolução desde os hominídeos pré-históricos até ao momento presente.” (Garvey, 1992, p. 10)

Como afirma Mrech (2001), o brincar não se caracteriza única e simplesmente por um ato espontâneo e momentâneo. Em cada brincadeira está presente a história da criança revelando os efeitos da fala e da língua.

Chateau (1987), citado por Sousa (2012), assegura que a criança tem necessidade de brincar com o objetivo de se manter em harmonia consigo própria, com os outros e com o mundo.

Poletto (2005, p. 1) defende o brincar como um fator de proteção da criança. Refere ainda que o brincar “é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o adequado desenvolvimento infantil.”

De acordo com os quatros pilares da educação definidos pela Unesco (2010), Aprender a conhecer, Aprender a conviver, Aprender a fazer e Aprender a ser), O’Grady (2007), declara que o brincar contribui para o desenvolvimento de cada um dos pilares supramencionados. No primeiro o brincar proporciona à criança aquisição de saberes e apreensão do mundo que a rodeia. A atividade lúdica também desenvolve o sentido da perceção, da observação, da discriminação, da análise, da sintetização, do simbolismo e do significado da maioria das coisas. No que diz respeito ao segundo pilar podemos constatar que o brincar desenvolve inúmeras habilidades para uma relação em harmonia com outras crianças, como por exemplo, a resolução de conflitos, a solidariedade, a partilha, o respeito pelas diferenças, o conhecimento dos direitos e deveres inerentes à condição de ser criança e a consciência do comunitarismo. Esta atividade lúdica é tão importante para o desenvolvimento das crianças que permite ainda desenvolver o terceiro pilar da educação no sentido em que reforça o desenvolvimento das aptidões psicomotoras necessárias para a realização dos objetivos. É através do brincar que se desenvolve o sentido de iniciativa, empreendedorismo, espírito crítico, cooperação, entre outros. Por último, mas não menos importante, o autor, referindo-se ao quarto pilar da educação, declara que o brincar proporciona, como referido anteriormente, a melhoria de qualidades relacionadas com o desenvolvimento pessoal,

como a autoestima, a autonomia, a criatividade, a independência, a autoconfiança e a confiança no outro, a auto motivação e, por fim, a empatia.

Brito (2012), com base na declaração da Associação Internacional Para o Direito a Brincar (1977) que diz que “Brincar, a par da satisfação das necessidades básicas de nutrição, saúde, habitação e educação, é uma atividade fundamental no desenvolvimento das capacidades potenciais de todas as crianças.”, defende que a criança através do brincar desenvolve competências motoras, sócio-afetivas e cognitivas. O investigador defende também que brincar é um meio que possibilita à criança aprender a viver.

Após todas estas contribuições de diversos autores para a definição de brincar e aceitando o facto de não se conseguir chegar a uma definição concreta do mesmo, de um certo ponto de vista não podemos discordar: brincar, para além de todas as possíveis definições, é um direito de todos. Posto isto, e de acordo com a Declaração dos Direitos da Criança (1990, p. 22), a criança possui “o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade”.

1.2. O brincar do ponto de vista sociológico

Bomtempo (1986), citado por Mendosa (2012), afirma que as crianças têm diferentes maneiras de brincar, tanto sozinhas como em grupo. Crianças muito pequenas, por possuírem um mundo muito restrito, no que diz respeito ao número de pessoas que com eles lidam diariamente, brincam preferencialmente sozinhas ou brincam lado a lado com duas ou três crianças, no máximo. O facto de algumas crianças brincarem lado a lado não significa que estejam a brincar em conjunto. Na perspetiva de Esteves (2010), citado por Sousa (2012), por meio da brincadeira a criança vai aprendendo a cultura do meio no qual está inserida onde vai aprendendo a cooperar e a interagir com os seus pares. No caso de crianças mais velhas, a autora refere que estas não só brincam em conjunto como dividem papéis dentro da brincadeira, por exemplo, tu és a mãe e eu sou o pai.

O brincar em grupo representa, segundo Ferreira (2010), citado por Sousa (2012), uma aprendizagem fundamental ao desenvolvimento da criança pois, ao se relacionarem em grupo, as crianças descobrem que a brincadeira já não depende só de si

e que necessitam dos outros para que os seus objetivos sejam alcançados. Cordeiro (2007, p. 329), afirma que “é necessário respeitar a vontade de brincar com os outros ou brincar a sós, e promover essas duas vertentes, respeitando as características da personalidade da criança.”. Brougère (1995), citado por Baptista (2009), assegura que as crianças entram e saem da brincadeira sempre que quiserem. O autor acrescenta ainda que o guião da brincadeira vai sendo construído à medida que a brincadeira vai decorrendo e que é através dela que a criança se vai adaptar às regras e às situações rotineiras da vida em sociedade. Bettelheim (2003, p. 245), defende que “brincar sozinho dá-nos a satisfação ganha através da experiência de funcionarmos bem, mas ao brincar com os outros podemos retirar aquela outra grande satisfação da vida: a de funcionar bem com os outros.”. Em suma, as crianças ao brincarem em grupo vão experimentando os conteúdos que já adquiriram ao brincarem sozinhos.

Ferreira (2004) citado por Baptista (2009), atribuiu um conjunto de pressupostos a um grupo de crianças que brincam. Na ótica do autor, crianças que brincam em conjunto desenvolvem ações de comum acordo, interagem verbal e/ou não verbalmente tanto de forma alternada como em sequência, simulam situações das quais sabem tratar-se de ações de faz-de-conta, interagem entre pares e realizam interações repetitivas, pois para as crianças a rotina transmite-lhes segurança.

Para Vygotsky (1967), citado por Bomtempo (s. d.), é por via do brincar que as crianças começam a comunicar, tanto com outras crianças como com os adultos. O diálogo entre pessoas de culturas diferentes é propiciado através do jogo ou brinquedo. Estes dois elementos apresentam-se, deste modo, como fatores de comunicação mais amplos do que a própria linguagem uma vez que permitem a comunicação entre pessoas de culturas diferentes. Gomes (2010) citado por Sousa (2012), acredita que as crianças utilizam a brincadeira ao invés das palavras para se expressarem, aprenderem e se desenvolverem. Também Cordeiro (2007), defende que ao brincar a criança utiliza uma linguagem e uma comunicação mais simbólica, mais organizada e mais ampla. O autor indica ainda que a criança ao interagir com os outros por meio da brincadeira e ao estabelecer um diálogo por forma a exprimir as suas ideias e sentimentos, torna-se mais apta ao nível da linguagem.

1.3. O brincar do ponto de vista psicológico

Klein (2003), citado por Viegas (2007), define o brincar como um meio de ocasionar um ambiente positivo entre as crianças, permitir-lhes motivação interior e também proporcionar-lhes alguma liberdade relativamente às regras sociais. Para Gomes (2010), citado por Sousa (2012), o brincar é essencial ao desenvolvimento da criança pois é visto como uma necessidade básica da mesma. Através da brincadeira a criança explora a realidade e a cultura em que está inserida, interiorizando-a e questionando as regras e os diferentes papéis sociais.

Vygotsky (1994, p. 62) vem definir o brincar como uma situação imaginada pela criança, ou seja, consoante o nível de maturação da criança as situações imaginadas vão-se alterando e tornam-se cada vez mais complexas. É por este motivo que existem brinquedos estruturados especificamente para cada faixa etária, visto que uma criança mais velha e com maior nível de maturação não demonstra interesse por um brinquedo construído especificamente para uma criança com uma faixa etária mais baixa.

Na ótica de Hohmann e Weikart (1995, p. 87), o “brincar é a forma como a criança explora o que as coisas podem fazer e a forma como funcionam. É também a sua forma de retirar sentido das personalidades, das interações sociais e do lado escuro da existência humana ...”.

Mendosa (2012), afirma que o brincar desenvolve nas crianças a autoestima, autoafirmação e também a valorização pessoal. O investigador defende ainda que através das brincadeiras a criança experimenta, descobre, inventa, exercita, explora o mundo, descobre-se e entende-se a si própria utilizando a atividade lúdica como objeto de crescimento tornando, deste modo, a aprendizagem mais prazerosa enriquecendo a criatividade, a imaginação e a curiosidade. O investigador acrescenta que “o lúdico está relacionado com tudo o que possa nos dar alegria e prazer”. Nesta senda, de um ponto de vista mais macro, Mendosa defende ainda que, “viver é brincar.”. De acordo com Baptista (2009), esta atividade lúdica representa também uma importante função no desenvolvimento social, ou seja, na relação com os outros e ainda no desenvolvimento psicológico o qual se refere ao bem-estar da criança.

Deste modo, Winnicott (1965, p. 163), entende o brincar “como uma área intermediária da experimentação para a qual contribuem a realidade interna e externa”. Isto significa que a criança para brincar transfere situações da realidade externa, ou seja,

(situações do dia-a-dia), e lida com elas de acordo com a realidade interna (o seu mundo fantasiado).

As brincadeiras imaginadas são de tal maneira importantes porque são elas que fornecem à criança a primeira ocasião de integrar os mundos interior e exterior. Por meio dessas brincadeiras, também a criança constrói a ponte pela qual passa do significado simbólico dos objectos para a procura ativa das suas propriedades e funções reais. (Bettelheim, 2003, p. 262)

Como afirma Bettelheim (2003), é através da brincadeira que a criança toma conhecimento das duas formas de realidade – interior e exterior. É também através do brincar que a criança aprende a satisfazer estas duas realidades, tanto a seu favor como a favor dos outros. Vygotsky (1989), citado por Mendosa (2012), acredita que a necessidade da criança criar situações fantasiadas deve-se à tensão existente entre o indivíduo e a sociedade e é através do lúdico que a criança se liberta da realidade. Posto isto, Brougère (1990), citado por Bomtempo (s. d.), vem concordar com Vygotsky referindo que a brincadeira surge como uma forma da criança sair do mundo real e ir à descoberta de outros mundos.

1.4. O brincar do ponto de vista emocional

Carneiro e Dodge (2007), citado por Baptista (2009), afirmam que, para a criança, tudo é brincar desde que envolva um sentimento de divertimento por parte da mesma.

Mas o “brincar tem mais importância para a aquisição de competências inter-relacionais, para a expressão de sentimentos, do que para o desenvolvimento das estruturas e dos processos cognitivos.” (Neto, 2003, p. 113) . “Existem por vezes sentimentos dos quais as crianças não se dariam conta ou que, por outro lado, podiam dominá-las, se não se habituassem a lidar com eles por meio de jogos e brincadeiras.” (Bettelheim, 2003, p. 240). O facto das crianças vivenciarem sentimentos por via da brincadeira, faz com que lidem com eles de maneira mais segura. Sousa (2012) defende que a criança experimenta sentimentos de amor, raiva, angústia e agressividade quando

brinca. O investigador afirma também que a criança vai sendo dominada por estes sentimentos até encontrar uma estratégia com a qual consiga controlá-los.

“A criança adquire controlo do mundo exterior por meio de brincadeiras, mais do que por meio de qualquer outra atividade.” (Bettelheim, 2003, p. 292). Segundo o mesmo autor, é através das brincadeiras que a criança percebe que não precisa de ficar tão angustiada senão conseguir realizar uma tarefa lúdica à primeira, deste modo, a criança começa a entender que se for persistente o sucesso será, mais tarde ou mais cedo, alcançado. A isto chama-se resolução de conflitos, e é, na opinião do autor, ao expressá-los por meio da atividade lúdica que a criança se torna capacitada para os resolver, etapa por etapa. Mrech (2001), afirma que a criança revela os seus conflitos interiores por meio da brincadeira e fá-lo de forma muito semelhante à dos adultos. Como referem os autores Hohmann e Weikart (1995, p. 82) “as crianças que tiverem a oportunidade de levar por diante as suas iniciativas encontrarão, inevitavelmente, obstáculos”. Os autores declaram ainda que ao serem encorajadas a ultrapassar os obstáculos encontrados no brincar, as crianças estão a adquirir competências essenciais para lidarem com situações inesperadas. Deste modo, as crianças passam a ver-se como habilitadas para a resolução de problemas ou conflitos.

Também os acontecimentos traumáticos podem ser ultrapassados através da brincadeira.

O facto de uma criança atravessar sem incidente dramático uma tal experiência não prova que a tenha aceite, e muito menos que a tenha aceite como indispensável para o seu bem-estar futuro. Nesta situação, não pode conceder aceitação porque isso implicaria que a experiência podia voltar a acontecer – um pensamento demasiado assustador para ser encarado. É-lhe muito mais fácil aceitar que a mesma coisa seja necessária aos outros, ou aos seus brinquedos, uma vez que não comportam a mesma incidência pessoal. Uma criança pode «fazer-de-conta» que o seu cãozinho de pelúcia partiu uma patinha; se a patinha não for convenientemente envolta em ligaduras o pobre cãozinho nunca mais poderá ser capaz de correr depressa. (Bettelheim, 2003, p. 299)

É, desta forma, que Bomtempo (s. d.), vê o brincar, como via de aliviar experiências dolorosas. Neste sentido, a criança tem a necessidade de criar um mundo

fantasiado para dar resposta a situações dolorosas e também para responder a necessidades não satisfeitas ou reprimidas.

Em suma, a criança começa, aos poucos, a consciencializar-se de que sem intervenção cirúrgica ou médica apropriada o seu urso ou o seu cão, tanto como ela própria, não teriam melhoras significativas e a sua saúde estaria em risco. Desta forma, inicia-se o processo de percepção, por parte da criança, que para qualquer problema de saúde é necessário uma intervenção médica ou cirúrgica para a curar.

Bettelheim (2003, p. 259) afirma que a criança ao exteriorizar as suas fantasias mais hostis, por exemplo ao brincar às guerras, ou quando realiza brincadeiras de grandeza, como é o caso de brincar aos super-heróis, procura satisfazer indiretamente os seus devaneios irrealis. “Todas as crianças tentam evadir-se para um mundo fantástico quando a realidade as ultrapassa, mas só aquelas que estão gravemente perturbadas no plano emocional é que tentam refugiar-se nele permanentemente”. Zuccolotto (2009), por sua vez, defende que a criança brinca com o sentido de dominar angústias e comunicar fantasias, alternando entre o real e o imaginário.

Em jeito de conclusão, e como refere Bettelheim (2003, p. 245), “a maior importância da brincadeira é o prazer imediato que a criança retira dela e que se prolonga sob a forma de alegria de viver.”.

1.5. O brincar como potenciador de aprendizagem

“O jogo, o brincar e o brinquedo desempenham um papel fundamental na aprendizagem, e negar o seu papel na escola é talvez renegar a nossa própria história de aprendizagem.” (Mendosa, 2012)

Jacquim, apud Marcelino (1990), citado por Bomtempo (s. d.) afirmam que se se acredita no brincar enquanto facilitador da aprendizagem, é necessário que o adulto goste de brincar, só assim a aprendizagem terá êxito. No entanto, muitos adultos não estão ainda convencidos que a atividade lúdica contribua como ação facilitadora da comunicação entre adultos e crianças. Ao existir a divisão da experiência lúdica entre adultos e crianças, far-se-ia com que desaparecesse a vincada relação de poder entre eles, isto acontece pois na brincadeira obedecem todos às mesmas regras.

Leif e Brunelle (1976), citado por Bomtempo (s. d.), defendem que o facto dos adultos participarem nas brincadeiras e nos jogos das crianças faz com que se estabeleçam relações genuínas entre ambos. Kishimoto (2010), citado por Sousa (2012), refere que o adulto deve estimular as crianças, no sentido de procurar interagir e brincar com elas, ajudando-as, deste modo, a crescer servindo-lhes de modelo. Segundo Homem (2009), outro benefício causado pela introdução das brincadeiras no currículo é o facto dos adultos se sentirem mais descontraídos e divertidos quando brincam, tal como acontece com as crianças.

Bomtempo (s. d.), afirma que a maioria dos adultos ainda vê a utilização de jogos e brincadeiras na sala de aula com maus olhos e que o brincar dirigido continua a prevalecer sobre o brincar espontâneo. Mendosa (2012), acredita que através do jogo, do brinquedo e da brincadeira em sala de aula é possível desenvolver o pensamento nos adultos sem distanciá-los do mundo real e do seu quotidiano.

Bettelheim (2003), defende existirem no brincar duas vertentes, uma pertencente ao passado e outra ao futuro. A vertente do passado aponta para o brincar como solucionador de problemas não solucionados, já a vertente respeitante ao futuro acredita no brincar como um utensílio significativo para a preparação do futuro. Contudo, “à medida que vai crescendo, as experiências do passado preparam-na para as que encontra no presente, o que torna esta mais previsível, mais suportável mas também menos apaixonante” (Bettelheim, 2003, p. 293). Neste sentido, o autor acredita ainda que a função principal do brincar nos dias de hoje é dar a conhecer à criança o leque de possíveis carreiras que a criança poderá seguir no futuro e não orienta-la, forçosamente, para uma carreira específica. Esta orientação forçada acontecia antigamente quando o brincar tinha como principal função preparar as crianças para, ainda em tenra idade, se iniciarem num trabalho específico com os seus pais. No caso de ser uma menina, a mãe instruí-a para as lides da casa, se fosse rapaz teria o mesmo trabalho do pai. Em suma, era função principal do brincar a preparação das crianças para tarefas específicas incumbidas aos adultos. “Assim, o brincar da criança não está somente ancorado no presente, mas também tenta resolver problemas do passado, ao mesmo tempo que se projeta para o futuro” (Bomtempo, s.d., p. 7). Um exemplo fornecido pelo investigador é o facto de a menina escovar os cabelos das suas bonecas, prestar maior atenção ao que a mãe faz na rotina da casa até uma altura em que a menina começa a pentear os seus próprios cabelos, a querer imitar e ajudar a mãe na rotina da casa e a vestir-se sozinha

sem a ajuda do adulto. Isto vai fazer com que a criança transfira para o dia-a-dia as atividades da brincadeira que realiza com a boneca. Este exemplo acontece do mesmo modo para o menino, este, por brincar com carrinhos, vai aprender os barulhos produzidos pelo motor, pela buzina, vai também experimentar qual a diferença entre o que é rápido e o que é lento.

Saracho (1991), citado por Bomtempo (s. d.), acredita que o facto de se introduzir a atividade lúdica no currículo ajuda no desenvolvimento físico, cognitivo, criativo e social da criança, assim como na linguagem da criança pequena. Como defende Barbosa (2013), “é fácil apercebermo-nos que a criança aprende com muito mais prazer enquanto brinca/joga do que quando lhe são incutidas atividades sem qualquer carácter lúdico”. Bomtempo (s. d.), alude que muitos adultos não encorajam as crianças a brincar, o que por vezes faz com que a imaginação das crianças e as suas habilidades de solução de problemas bloqueiem. Zacharias (s. d.), citado por Monteiro (2003/2004), refere que é importante que a criança descubra as coisas por si mesma, para que isto aconteça cabe ao adulto proporcionar situações de desafio que motivem as crianças estimulando desta forma a criatividade e a descoberta. Mrech (2001), adianta que é fundamental que o educador compreenda que face ao lúdico cada criança apresenta a sua própria especificidade.

Deste modo, cabe ao adulto organizar tempo e espaço suficiente para que a criança possa brincar. Deste modo, o adulto deve organizar a sala em áreas de interesse com vista a criar um ambiente de aprendizagem ativa. Conforme afirmam Hohmann e Weikart (2003), citado por Barbosa (2013), o facto do adulto definir as áreas de interesse vai aumentar as capacidades de iniciativa, a autonomia e também o estabelecimento de relações sociais das crianças. De acordo com Barbosa (2013), o adulto deve interagir e incentivar as crianças enquanto estas exploram as diversas áreas. Mendosa (2012), é da opinião de que os esforços do adulto para proporcionarem às crianças material e espaços adequados para brincarem, de nada servem se este não possuir sensibilidade ao intervir nas brincadeiras das mesmas. O investigador acredita ainda que é através das brincadeiras livres que as crianças enriquecem competências imaginativas, criativas e organizacionais assim como também elaboram as suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras. “Não é a quantidade de material que leva à melhor aprendizagem, mas a habilidade de lidar com ele” (Bomtempo, s.d., p. 2). É por este motivo que a investigadora defende que o envolvimento do adulto nos jogos

e brincadeiras é de uma importância extrema. Hohmann e Weikart (2003), citado por Barbosa (2013), acreditam que através do envolvimento nas brincadeiras das crianças, os adultos têm a oportunidade de descobrir quais os interesses de cada criança, quais as suas dificuldades, a forma como pensa e raciocina e ainda com quem gosta e não gosta de brincar. Neto (2003), acrescenta ainda que existem adultos que concordam em deixar a criança brincar livremente por considerarem que a atividade lúdica proporciona o desenvolvimento da criança. Como afirma o autor, cada vez mais a preocupação dos adultos é o bem-estar da criança no momento presente, isto faz com que o brincar não seja encarado pelos adultos como uma atividade preparatória para o futuro, ou seja, para a escola.

Contrariamente ao que Bomtempo (s. d.) refere acima, Sylvia, Roy e Palmer (1980), citado por Bomtempo (s. d.), defendem que a intervenção do adulto afeta a oportunidade e a progressão do brincar, impedindo a criança de distinguir realidade e fantasia. Bomtempo (s. d.), afirma ainda que os adultos consideram o brincar como um trabalho destinado a babysittings, do mesmo modo veem também as interações entre pares durante o brincar como mau comportamento. Para Sylvia, Roy e Palmer (1980), citado por Bomtempo (s. d.), os adultos agem assim por considerarem o brincar como coisa de criança e por terem dificuldade em justificar as atividades lúdicas no ensino. De acordo com Neto (2003), os adultos acreditam que tudo o que as crianças fazem é brincadeira. Por outro lado, Neto (2003, p. 102) afirma que “quando as atividades eram orientadas pelos adultos, as crianças classificavam-nas mais vezes como trabalho, ao passo que, quando eram livres, classificaram-nas como brincadeira”, isto acontece porque, na opinião das crianças, a atividade para ser considerada brincadeira tem que ser livremente escolhida, orientada pelo próprio, com grande duração de tempo e com variedade de materiais. O autor refere ainda que a vontade que as crianças possuem para participar em qualquer brincadeira irá depender do grau da intervenção do adulto na mesma, pois ao determinar uma atividade para a criança, o adulto vai também decidir qual o nível de liberdade que essa atividade irá ter. Sumariamente, “ser ou não brincar vai depender do contexto em que a atividade se insere (e. g., pintar de forma livre, sem constrangimentos ou pintar como parte de uma atividade orientada pelo adulto)” (Neto, 2003, p. 115).

Saracho (1991), citado por Bomtempo (s. d.), divide a intervenção no brincar das crianças em dois tipos: o brincar participativo e o brincar dirigido. O brincar

participativo é quando a interação do adulto visa a aprendizagem incidental durante o jogo, por exemplo, as crianças encontram um problema no decorrer do jogo e o adulto ajuda-as na solução, desta forma vão estimular a imaginação da criança durante o jogo, o que pode levar a criança a ser menos repetitiva, mais inventiva ou a elaborar temas. O brincar dirigido refere-se a quando o adulto aproveita, propositadamente, o jogo para a aprendizagem do conteúdo de currículo. Um exemplo: no jogo de construção, a criança constrói alguma coisa de acordo com o seu interesse. O adulto intervém questionando especificidades dos materiais utilizados pela criança ou até dos procedimentos que utilizou na construção do objeto, como por exemplo, sobre o peso, a medida e o tipo de construção realizada. Em geral, no brincar dirigido, o adulto orienta as atividades para situações não lúdicas, desvalorizando o brincar, que deixa de ser espontâneo, o que faz com que seja impedido o desenvolvimento da criatividade. Mendosa (2012), vem concordar com Saracho (1991), citado por Bomtempo (s. d.), na medida em que afirma existirem adultos que acreditam que o brincar só pode acontecer depois da «parte séria» terminar e, por outro lado, afirma existirem também adultos que incorporam a atividade lúdica no processo de ensino aprendizagem, fazendo com que o jogo e a brincadeira se tornem parte integrante da ação educativa.

Antigamente, e segundo Baptista (2009), a educação das crianças até à sua entrada na escola competia às famílias. Hoje em dia, cabe às instituições, tais como infantários e jardins-de-infância, o cargo de transmitir os padrões básicos de educação. Tiba (2007), defende que a escola tem uma função importante no processo de transmissão de jogos, função que outrora era atribuída à família. Mendosa (2012), refere que cabe igualmente à escola a promoção de aprendizagens significativas destinadas à criança. No entanto, esta ação não tem que ser forçada, pode acontecer através do prazer e da alegria que a brincadeira proporciona. O investigador expõe ainda que o facto da escola dar grande importância ao lúdico e relacioná-lo com o ensino-aprendizagem faz com que a criança forme um bom conceito de mundo. Este conceito abarca dimensões fundamentais ao desenvolvimento da criança, tais como a afetividade, a sociabilidade, a criatividade e o respeito pelos direitos da criança. Outro dos principais objetivos da escola defendidos por Mendosa (2012) é a promoção da socialização. Posto isto, e na ideia do investigador, os adultos devem incentivar os trabalhos de grupo, assim como a troca de ideias e a cooperação que acontece por meio dos jogos e das brincadeiras. Este

objetivo vem contrariar o que acontece nos dias de hoje onde as crianças são isoladas nas suas carteiras.

Kishimoto (1994), citado por Mendosa (2012), declara que colocar a criança perante situações lúdicas pode servir como estratégia para aproximá-lo dos conteúdos abordados na escola. Ao recorrer aos jogos, o adulto está a criar na sala de aula um ambiente de motivação que vai fazer com que as crianças participem ativamente no processo de ensino-aprendizagem, apreendendo experiências e informações e também incorporando atitudes e valores (Mendosa, 2012).

É essencial que o adulto compreenda que a atividade lúdica aliada ao ensino-aprendizagem traz inúmeras vantagens, como por exemplo, a transmissão de conteúdos através dos jogos, proporciona o desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo, ético, artístico, entre outros. Para que esta relação decorra de uma maneira saudável, é essencial que o adulto seja «meio menino» e que se divirta tanto quanto as crianças no processo (Mendosa, 2012). Segundo Sousa (2012), é parte essencial do papel do adulto a promoção de situações de aprendizagem através de jogos e brincadeiras e também a chamada de atenção aos pais sobre a importância dos momentos lúdicos enquanto importantes contributos para o bom desenvolvimento dos seus filhos. De acordo com o mesmo investigador, o adulto deve observar cuidadosamente as crianças durante as brincadeiras, no sentido de alcançar informações substanciais a respeito das mesmas. Bomtempo (s. d.) afirma que o adulto deve também ter sempre presente que o brincar detém um papel essencial no bem-estar, no equilíbrio e na aquisição de conhecimentos da criança, assim como nos processos de sociabilização e construção da identidade da mesma. Como afirma Bomtempo (s. d.), é certo que brinquedos e brincadeiras representam uma ação facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, todavia, sem a intervenção adequada do adulto de nada valem. O investigador acrescenta ainda que aprender e brincar podem parecer duas realidades distintas mas estão internamente relacionadas. A criança pode aprender brincando. Ao manipular livremente um quebra-cabeças, diferenciando cores, estão presentes tanto a função educativa como a função lúdica. Mas, se a criança preferir apenas empilhar peças, fazendo de conta que está a construir um castelo numa situação imaginária, a função lúdica está presente. Deste modo, podemos observar que é a intenção da criança que vale e não preferencialmente o que o adulto deseja (Mendosa, 2012).

De acordo com Brito (2012), é essencial a emersão do lúdico no contexto escolar de modo a que a aprendizagem seja diversificada e desperte interesse e vontade em aprender. Como refere Marcelino (1990), citado por Bomtempo (s. d.), um exercício escolar pode ser realizado como um jogo e este, por sua vez, pode ser realizado como uma tarefa escolar, sem o seu componente lúdico. O adulto ao introduzir o jogo no processo de ensino-aprendizagem deve ter em conta que este deve intercalar repetição e surpresa assim como o interesse dos participantes com a introdução de elementos inesperados. De acordo com Kishimoto (1995), citado por Mendosa (2012), Platão colocava a importância da criança aprender brincando como forma de combate à opressão e à violência, já Aristóteles enfatizava a necessidade de se utilizarem jogos ‘sérios’ na educação de crianças pequenas, com o objetivo de prepará-las para a vida. Do mesmo modo, Rousseau procurou mostrar, em seus estudos, que a infância não devia mais ser compreendida apenas como uma etapa que precede a idade adulta, mas, sim, como um período da vida que possui características e necessidades próprias.

Mendosa (2012) interroga-se sobre que vantagem trará a introdução do lúdico no processo de ensino-aprendizagem. E explica, dizendo que é através da introdução de conteúdos que se desejam passar às crianças no objetivo das brincadeiras que este modelo de aprendizagem lúdica se concretiza. O investigador concede alguns exemplos práticos, como por exemplo, acrescentar contas matemáticas a uma história tradicional, elaborar um jogo da memória que ao invés de ter figuras tem sinónimos e realizar uma corrida em que cada país persegue a sua capital.

Sumária e contrariamente ao que a maioria dos investigadores e autores defendem, Bomtempo (s. d.), vem apontar que nem sempre ensinar com brincadeiras é mais eficiente. A investigadora aponta que o excesso de informações ou atenção a informações irrelevantes pode levar a criança a distrair-se da informação realmente importante e influir negativamente na aprendizagem da mesma.

2. Conceito de brincar de acordo com as fases de desenvolvimento da criança segundo Vygotsky

De modo a compreendermos melhor as diferentes fases do brincar, recorreremos à classificação, realizada por Piaget (1971), citado por Mendosa (2012), dos jogos em três importantes categorias de acordo com a divisão do brincar realizada por Vygotsky (1994), citado por Sousa (2012), das três fases do desenvolvimento infantil.

2.1. Fase sensório-motora

Na primeira fase – fase sensório-motora – que vai desde o nascimento até aproximadamente ao segundo ano de vida, a criança brinca sozinha, sem utilização ou noção de regras. Esta fase refere-se aos jogos exploratórios e, segundo Neto (2003), estes estimulam a inteligência sensório-motora da criança. Vygotsky (1994), citado por Sousa (2012), associa esta fase ao distanciamento que a criança faz da sua mãe e também à iniciação da fala e à locomoção da criança. Contrariamente ao que se pensa, não só nas brincadeiras em grupo encontramos benefícios, também as brincadeiras individuais são benéficas para a criança. Segundo O’Grady (2007), ao brincar sozinha a criança desenvolve a sua capacidade de concentração, – na construção de legos, a saltar à corda - aumenta o poder de imaginação e a sua criatividade – na criação de histórias ou na brincadeira às casinhas a criança exercita a mente em busca de informações armazenadas no seu cérebro o que vai fazer com que crie um universo próprio para cada brincadeira.

2.2. Fase pré-operatória

A segunda fase – fase pré-operatória – é visível por volta dos dois anos e vai até aos cinco ou seis anos de idade, caracteriza-se pelo facto das crianças adquirirem noção da existência de regras e começarem a jogar simbolicamente, imitando ações produzidas pelos adultos em situações do dia-a-dia. Deste modo, estamos perante a fase do jogo simbólico e da representação de papéis. Sousa (2012) alude ao facto do filósofo Karl Groos considerar o comportamento imitativo das crianças como uma preparação para as realizações da vida adulta. Hohmann e Weikart (1995) defendem que as crianças

organizam aquilo que compreendem e ganham um sentido de mestria e controlo sobre os acontecimentos que presenciaram no seu dia-a-dia, como por exemplo, fazer o pequeno-almoço, ir para o trabalho, ir a uma festa, visitar amigos, entre outros. As crianças mais pequenas nem sempre compreendem o significado destes acontecimentos, cabe à brincadeira de faz-de-conta ajudá-las na sua compreensão. Os autores acrescentam ainda que as brincadeiras de faz-de-conta proporcionam às crianças inventarem o guião à medida que vão representando. Isto torna este tipo de brincadeira fluída e maleável.

Na opinião de Baptista (2009), na brincadeira de faz-de-conta a criança utiliza os brinquedos que tem à mão e, graças à criatividade, dá-lhes o significado que entende. Para Baptista, é normalmente através da mãe que a criança inicia a brincadeira. Este facto pode ter contribuído para o que Hohmann e Weikart (1995) defendem de que a maioria das brincadeiras de faz-de-conta ilustram episódios da vida doméstica, como é o caso de tratar e curar feridas e evitar perigos.

Vygotsky (1994), citado por Sousa (2012), acrescenta que as brincadeiras das crianças são movidas pelos seus desejos irrealizáveis. Quando uma criança deseja uma coisa irrealizável, naquele momento, por não ter capacidade para esperar, cria uma situação de brincadeira ilusória onde os seus desejos possam ser então realizáveis. Vygotsky adiciona ainda que, para crianças muito pequenas o brincar é impossível, pois ainda não têm a capacidade de desenvolver situações imaginárias. Isso acontece porque é através do brincar que a criança toma consciência do objeto real e não do objeto imaginado, desta forma percebemos a importância que o brinquedo e o brincar têm no desenvolvimento infantil no sentido de promover relações entre situações do pensamento e situações reais.

“Todas estas capacidades desenvolvem-se a partir da atuação e do contacto com os objetos e com as pessoas que as rodeiam, indicando que a criança está a aprender a ‘fazer de conta’” (Brito, 2012, p. 16). Segundo a investigadora, é aqui que se inicia a representação simbólica.

Hohmann e Weikart (1995) alegam que o brincar ao faz-de-conta e a representação de papéis são atividades sociais que possibilitam o desenvolvimento social e linguístico das crianças. Segundo um estudo realizado pela investigadora Greta

Fein (1981), citado por Hohmann e Weikart (1995), a brincadeira imaginativa faz com que as crianças não sejam tão agressivas nas suas interações sociais.

Garvey (1992), aponta um paradoxo nas brincadeiras de faz-de-conta. A autora refere existir uma progressão na escolha e na utilização dada pelas crianças aos objetos utilizados para fingir de outros e concorda que representam cada vez mais o mundo dos adultos. No entanto, muitas vezes surgem rasgos na imaginação das crianças. É daí que surge o paradoxo. Vejamos através de um exemplo dado pela autora: se por um lado a criança sabe pôr os talheres e os pratos na mesa, servir comida a outra criança, avisa-la para não comer com a faca e ainda preveni-la para que coma devagar pois a comida está quente, por outro lado é capaz de colocar o ferro de engomar a fazer de bule para o chá, caso este não exista. Garvey (1992, pp. 124-125) define o faz-de-conta como sendo “a transformação voluntária do Aqui e Agora, Tu e Eu, e Disto ou Daquilo, de acordo com o potencial de acção que os componentes de uma situação eventualmente contenham”. Isto só acontece se conseguirmos perceber quando é que essa transformação se dá, o que só ocorre comparando um acontecimento anterior ou posterior.

Como Mendosa (2012) refere, é certo que é a brincadeira de faz-de-conta que mais evidencia o lado imaginário da criança, mas este lado mais fantasiado da brincadeira da criança foi adquirido, pela mesma, em experiências anteriores e em contextos diferentes. Bettelheim (2003), acrescenta que é por meio das brincadeiras de faz-de-conta que se dá a separação da vida imaginativa da vida real o que possibilita à criança dominar ambas. Posto isto, podemos concordar que este tipo de brincadeiras cria uma ponte entre os dois mundos – real e imaginário.

Deste modo, Sousa (2012) vem relacionar o brincar imaginativo com o que Vygotsky intitula de faz-de-conta.

Vygotsky (1994), citado por Sousa (2012), afirma que o domínio do simbolismo se exercita através do jogo. Como refere Barbosa (2013), é através do jogo simbólico que a criança exprime sentimentos que a incomodam na sua vida real como o medo, o ciúme, a alegria, dando vida aos objetos e refletindo as suas experiências e vivências do dia-a-dia, um exemplo, fala com as bonecas e diz-lhes que têm que dormir. “A teatralização das brincadeiras é uma forma da criança poder sentir-se livre para expressar o que sente. Muitas crianças desta idade têm receio de dizer o que pensam, com medo de represálias, [...] nem sabem como dizer, em palavras”, Cordeiro (2007, p.

334-335), explica deste modo o possível surgimento de algumas birras. Barbosa (2013) sublinha que este confronto existente entre os seus sentimentos e os seus problemas vai trazer à criança autonomia e vai ainda possibilitá-la a construir o seu próprio conhecimento. Piaget (1964) acrescenta ainda que o jogo simbólico desenvolve na criança diversas competências como a audição, discriminação, classificação de sons, identificação e também a verbalização. Cordeiro (2007) referencia que no jogo simbólico, além do facto da criança poder manipular os objetos livremente e além do prazer que isso lhe proporciona, a criança sente-se prepotente porque pode ser quem quer. Como referem Papalia, Olds e Feldman (2001), ao representar papéis, a criança muda de identidade e encarna o papel de uma personagem – normalmente um adulto próximo, preferencialmente a mãe – isto faz com que as crianças adquiram novas competências, por exemplo, tornam-se mais aptas na linguagem, experimentam diferentes papéis e lidam com emoções complexas. Como defende Aguilar (1988), citado por Barbosa (2013), o jogo simbólico ajuda a criança no seu confronto com a realidade pois tanto a traz até si sob a forma de jogo, como transpõe para a realidade as suas vivências da mesma forma.

Torna-se importante referenciar a importância atribuída ao papel do adulto no jogo. Chateau (1987), citado por Landin, Beraldo, Oliveira e Taveira (2010), considera o adulto não como sendo um mediador entre a criança e o jogo, mas sim como sendo uma referência. O autor acredita existir uma diferenciação, de acordo com a fase da infância, na referência que a criança faz entre o jogo e o adulto. Até aos cinco anos de idade, o maior sonho da criança é ser adulto, desta forma, o adulto mais próximo – normalmente o pai – passa a ser o modelo da criança no jogo ou na brincadeira. As crianças ambicionam os poderes dos adultos, mas como não conseguem ou não podem, realizam essa vontade com o jogo, jogo este que é na maioria das vezes baseado na imitação das atividades quotidianas dos pais. Segundo Hohmann e Weikart (2003), citado por Barbosa (2013), é importante para a criança que existam diversas áreas destinadas à promoção do jogo simbólico, pois deste modo, vai permitir à criança desenvolver uma imagem coerente do seu mundo.

Em síntese, podemos considerar, de acordo com o que nos adianta Monteiro e Gomes (2003/2004), que através do jogo simbólico a criança ensaia comportamentos e papéis, experimenta atividades dos adultos, ensaia atitudes, assim como valores, hábitos e situações para as quais não está preparada.

2.3. Fase das operações concretas

Na terceira e última fase – fase das operações concretas – que se estende dos sete aos onze anos de idade, a criança aprende as regras do jogo e o jogo em grupo. Esta é denominada como a fase dos jogos de regras, estes jogos são organizados e competitivos onde se encontram presentes as atividades de equipa. São jogos regidos por regras que especificam os participantes e obrigam ou proibem determinados passos na condução do jogo, como por exemplo o futebol, as damas, etc. Este tipo de jogo faz a transição da atividade individual para a socialização. O facto das crianças respeitarem as regras do jogo, faz com que respeitem as regras da sociedade.

Bettelheim (2003), vem reforçar a ideia de Mrech (2001) de que ao contrário do jogo o brincar não se rege por regras. Com o objetivo de clarificar esta distinção, este autor defende que brincar destina-se a crianças mais pequenas e não possui regras, a não ser as que a criança inventa e que podem ser alteradas à vontade. Já o jogar destina-se a um público-alvo mais crescido e é caracterizado pela existência de regras, pelo carácter competitivo e também pelo facto de deter uma finalidade exterior, como por exemplo, ganhar o jogo.

Na ótica de Barbosa (2013), é ao jogar que a criança cresce, aprende a conhecer-se a si própria assim como aos outros e ao mundo que a rodeia. A mesma autora afirma também que é por meio do jogo que a criança desperta os seus sentidos.

O jogo é uma atividade construída cultural e socialmente e é visto como uma forma de a criança entrar em contacto com a cultura na qual se encontra inserida (Mendosa, 2012).

Garvey (1992) defende que os jogos podem ser ensinados e aprendidos. A autora defende também que a existência dos jogos depende da aceitação ou da aderência a um determinado conjunto de regras. As infrações a essas regras costumam implicar sanções. Garvey (1992, p. 154) acrescenta ainda que os jogos “possuem a qualidade de «objectos sociais» – isto é, um jogo tem um começo e um fim definidos e é possível especificar a sua estrutura em termos de jogadas, numa sequência fixa com um conjunto limitado de processos para certas contingências.”.

Já Kamii (2003, p. 29) define o jogo como um “conjunto de atividades às quais o organismo se entrega, principalmente pelo prazer da própria atividade”.

“O ato de jogar é tão antigo quanto o próprio homem” (Mendosa, 2012)

De acordo com Moreira (1998, p. 50) “o jogo realiza-se sem uma finalidade específica; a sua realização é a sua razão de ser”. Moreira considera ainda que, assim como para os adolescentes e adultos os jogos têm uma função libertadora de preocupações e do cansaço, para as crianças têm exatamente a mesma função, possibilitando às crianças a libertação de forças que não utilizaram.

Sassano (2003), citado por Baptista (2009), apresenta algumas das características presentes no jogo começando pelo facto de este ser considerado como uma atividade livre e desinteressada sem limites de tempo ou espaço, desenvolve-se num contexto próprio, neste caso fora da realidade, pode haver repetição, inclui regras e também o sentido de competitividade. O fator competitivo do jogo permite testar na criança a sua criatividade, a sua audácia e a sua força ou resistência física e psicológica. Bettelheim (2003), afirma que a lição mais importante que uma criança pode tirar do jogo é a noção de que, ao perder o jogo, o mundo não acaba. “O facto de perder é uma demonstração tão pequena de inferioridade pessoal como o facto de ganhar o é de superioridade” (Bettelheim, 2003, p. 240). Posto isto, o autor assegura que através da derrota no jogo e existindo a possibilidade do jogo voltar a ser jogado, e talvez ganho, a criança aprende que apesar de inicialmente ter perdido o jogo pode sempre voltar a jogá-lo na tentativa de ser bem-sucedida e o ganhar.

De acordo com Cabral (2006), citado por O’Grady (2007), o jogador através dos jogos experimenta aventuras e emoções que já não são vivenciadas no mundo real. Deste modo, o jogo vai permitir ao jogador que este saia triunfante em relação a obstáculos às suas capacidades e aos seus desejos.

Friedmann (1996), citado por Mendosa (2012), considera que o jogo não pode ser visto apenas como competição nem apenas com um ato imaginário. “O jogo tem uma função biológica, no sentido de que todos os órgãos, todas as capacidades têm necessidade de ser exercitados para que não se atrofiem”. (Kamii, 2003, p. 29). Friedmann (1996) corrobora com a afirmação de Kamii, referindo-se ao jogo como sendo uma atividade física ou mental orientada por um sistema de regras, deixando claro que esta atividade não se refere apenas a uma forma de divertimento, mas sim a um meio que permite o desenvolvimento intelectual da criança e que proporciona, de igual modo, a relação entre pares.

“Deve-se agora não só conhecer o objecto do jogo mas também o seu contexto. Durante a actividade lúdica existe sempre uma relação com o meio. A actividade lúdica da criança acontece sempre num diálogo com o meio” (Neto, 2003, pp. 32-33).

O jogo é integrador e tem um carácter de novidade, características que são fundamentais para despertar o interesse da criança. Conforme vai jogando, a criança vai-se conhecendo melhor, à medida que vai construindo interiormente o seu mundo. Posto isto, podemos considerar que o jogo é um dos meios mais favoráveis à construção do conhecimento. (Monteiro & Gomes, 2003/2004)

Em 2005, Mégrier citado por Barbosa (2013), afirmou que, com o auxílio do jogo, a criança conhece-se a si própria e ao mundo que a rodeia. Mégrier vê o jogo como uma atividade que fomenta o desenvolvimento social, a sociabilidade, a partilha, assim como a dissolução do egocentrismo da criança.

Mendosa (2012), defende que o facto da criança participar em jogos faz com que ela desenvolva atitudes sociais, tais como o respeito mútuo, a cooperação, a obediência às regras, sentido de responsabilidade e de justiça, iniciativa pessoal e iniciativa de grupo. O jogo é considerado pelo investigador como um vínculo que unifica a vontade ao prazer durante a realização de uma atividade.

Erikson (1974), citado por Neto (2003), considera que associados ao jogo estão os princípios da luxúria ou do prazer, o princípio da repetição compulsiva, e por fim, o princípio da defesa contra a ansiedade. Deste modo, o autor concorda que o jogo está estreitamente ligado ao desenvolvimento social da criança e que este desenvolvimento ocorre em três atmosferas: autoesfera, microesfera e macroesfera. Na autoesfera existe a ligação do jogo ao próprio corpo, na microesfera existe a ligação do jogo com objetos manipuláveis e, por fim, a macroesfera refere-se à ligação entre o jogo e os companheiros de jogo.

É Kotliarenco (1997/2002), citado por Poletto (2005), que afirma que o jogo estimula e reforça situações familiares e comunitárias assim como também estimula as competências cognitivas.

Vygotsky (1991) defende que através do jogo a criança aprende a agir, a sua curiosidade é estimulada, existe um aumento de iniciativa e de autoconfiança, é-lhe

proporcionado o desenvolvimento da linguagem, do pensamento assim como da concentração.

Segundo Gomes (2010), citado por Barbosa (2013), o jogo assume um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois permite-lhe aprender a conhecer, a fazer, a conviver e principalmente a ser. De acordo com Moreira (1998), quando joga a criança descobre, imagina, explora e experimenta divertida e naturalmente. Deste modo, podemos considerar que o seu desenvolvimento motor, físico, emocional, afetivo e psíquico se encontra sustentado por via do jogo. O jogo apresenta ainda a mais-valia de ser trabalhado em duas vertentes: educativa e lúdica (Barbosa, 2013). Posto isto, Kamii e Devries (1991), citados por Bomtempo (s. d.), consideram o brincar em grupo de grande importância, pois acreditam que as crianças pequenas aprendem mais através dos jogos do que através de exercícios não-lúdicos. Os mesmos autores elaboraram uma lista com alguns critérios que podem ser levados em conta para que o jogo possa ter utilidade no processo de ensino-aprendizagem, como por exemplo, o facto do jogo ter que ser interessante e desafiador para a criança, o jogo deve permitir a participação de todos os jogadores do início ao fim, e por fim, o jogo deve permitir a autoavaliação de cada jogador. As crianças demonstram um maior envolvimento quando as atividades são direcionadas para o lúdico, envolvimento que se revela pelo facto das crianças não quererem parar com as atividades. Os jogos devem fazer parte do planeamento das aulas de modo a enriquecê-las. Através das atividades lúdicas aliadas ao ensino-aprendizagem, os alunos mais indisciplinados, que antes se mostravam mais distantes das aulas, tornaram-se mais participativos nas mesmas (Monteiro & Gomes, 2003/2004).

De acordo com Barbosa (2013, p. 13), “o jogo é muitas vezes iniciado através do brinquedo.”. Para Mendosa (2012), denomina-se de «jogo» qualquer brincadeira que envolva regras, e de «brinquedo» quando se trata de uma brincadeira não-estruturada.

3. A importância do brinquedo

A criança encontra-se, constantemente, em contacto com inúmeros e diversos brinquedos principalmente no Jardim de Infância. É aqui que a criança tem oportunidade de experimentar e exercitar o seu corpo à medida que se vai colocando em relação direta com o mundo (Brito, 2012). Pelo facto do brinquedo estar intimamente ligado ao divertimento, Arfoulilloux (1988), citado por Sousa (2012), alude que a criança ao brincar inicia um processo de experimentação e construção de si mesma. Através deste facto, o autor assinala o brincar com recurso ao brinquedo como sendo uma atividade de construção e criação. Brito (2012, p. 2) considera também que “o recurso ao brinquedo é fundamental, pois é através dele que a criança descobre o seu papel na sociedade, facilitando as suas aprendizagens”.

Brougère (1995), citado por Mendosa (2012), considera o brinquedo como um objeto infantil, ou seja, unicamente destinado à criança, o qual esta o manipula livremente sem existência de regras. Segundo o mesmo autor, e contrariamente ao brinquedo, o jogo, é uma atividade que pode ter como público-alvo tanto crianças como adultos sem qualquer restrição de faixa etária.

“Jogos e brinquedos são de todos os tempos e de todos os lugares. Por isso, os brinquedos trazem todas as marcas das técnicas e das culturas da sua época e muitos deles são imitações de instrumentos de adultos” (Moreira, 1998, p. 54). O autor defende ainda que os brinquedos que perduram e sobrevivem ao tempo revelam necessidades profundas e permanentes da criança. Cordeiro (2007, p. 329), acrescenta que “se uma criança não vê, em determinado jogo ou brincadeira, a resposta às suas necessidades nestes capítulos, irá procurar um outro. É por isso que, muitas vezes saltitam de brinquedo em brinquedo, sem se fixarem num”.

Salles Oliveira (1986), citado por Mendosa (2012), estabeleceu quatro pressupostos para a definição de brinquedo. O primeiro refere o brinquedo como sendo um objeto para as crianças brincarem. O segundo pressuposto aponta o brinquedo como um jogo de crianças, ou até mesmo como uma brincadeira. O terceiro liga o brinquedo ao divertimento, ao passatempo e à brincadeira. E, por último, o quarto pressuposto relaciona o brinquedo com festa, com folia, com folguedo e também com brincadeira.

Na ótica de Oliveira (1995), citado por Mendosa (2012), é por meio do brinquedo que a criança aprende a relação entre objeto e significado. Por exemplo, a criança ao brincar com um pacote de leite como se fosse um telemóvel, ela relaciona-se com o significado em questão (a ideia de carro) e não com o objeto concreto que tem em mãos (pacote de leite). Como refere Moreira (1998, p. 53) “o brinquedo só existe, só se anima, se atrás dele existir esse impulso; se não existir impulso, um brinquedo – qualquer brinquedo – não passa de mero objeto”. É também através das situações imaginárias que as crianças seguem regras, pois cada faz-de-conta supõe comportamentos próprios da situação. Atualmente estas significações não são observadas. Existem, nos dias de hoje, brinquedos cada vez mais realistas, o que traz dificuldade à criança de usar a sua imaginação na invenção de brinquedos substitutos. (Viegas, 2007).

Relativamente à estética do brinquedo, Zimmermann e Calovini (1971), citados por Bomtempo (s. d.), consideram que este deve ser atrativo, bem construído, seguro, não tóxico e, principalmente, desafiador. Os autores defendem que o brinquedo deve ainda estimular a curiosidade e a imaginação da criança, levando-a a descobrir coisas novas e diferentes e fantasiar sobre elas.

Contrariando a ideia geral de que a simples adição de luzes, sons, cores ou outras características mecânicas torna os brinquedos mais atractivos, Thomas, Phemister e Richardson (1981), citados por McConkey (1985 e 1985 a), desenvolvem um trabalho com crianças deficientes mentais profundas, tendo chegado à conclusão que o interesse por esses objectos se mantém, não tanto à custa da adição de novas características aos brinquedos (cores, luzes, sons), mas pelos efeitos provocados pelas acções da criança sobre os objectos. O que equivale a dizer que o interesse pelos brinquedos depende, em grande parte, da capacidade da criança os assimilar e se acomodar a eles. (Neto, 2003, p. 64)

Resumidamente, no processo de escolha de um brinquedo pela criança, não é a estética que importa, mas sim a relação que a criança estabelece com o mesmo. Posto isto, Moreira (1998, p. 54) afirma que “um objecto concebido como brinquedo e que serve para outro fim, ou que não é utilizado, não é brinquedo. A utilização é que confere o carácter definitivo de brinquedo.”

“Os brinquedos podem ser manufacturados, ser produtos da indústria; mas também podem ser elementos naturais como areia, água, luz, plantas e animais.” (Moreira, 1998, p. 53). O autor defende ainda que o principal e mais importante brinquedo que uma criança pode ter é o seu próprio corpo.

Brito (2012), afere que o brinquedo, além de desempenhar outras funções no desenvolvimento da criança, é um suporte essencial para o desenvolvimento da motricidade fina e global da mesma. Através do processo de montar e desmontar os brinquedos, a criança aprende a analisá-los, a pensar sobre os mesmos, desenvolvendo simultaneamente a sua criatividade.

“A semelhança entre os objectos de jogo e os objectos da vida real pode, dependendo da capacidade de representação da criança, facilitar ou inibir o jogo simbólico” (Neto, 2003, p. 63). “Os brinquedos não-estruturados são os que permitem um maior uso da imaginação e da criatividade” (Poletto, 2005, p. 2). Com base em estudos realizados por Fein (1981), citado por Hohmann e Weikart (1995), o autor depara-se com uma problemática. No caso das crianças mais pequenas e consequentemente com capacidades de representação mais limitadas, a semelhança entre os objetos de jogo e da vida real (objetos estruturados) facilita o jogo simbólico, ao mesmo tempo que objetos pouco estruturados inibem o jogo simbólico. Contrariamente, no caso de crianças mais velhas e com capacidades de representação mais alargadas, a situação inverte-se. Os objetos pouco estruturados não inibem o jogo, e a criança mostra-se capaz de efetivar substituições a partir de objetos altamente estruturados, como por exemplo transformar um carro num telefone, levando-o ao ouvido e fingindo que telefona.

Moreira (1998) acredita que o brinquedo tem sempre um papel a cumprir, quando isso não existe cabe à criança criá-lo, e quando o papel que o brinquedo tem a cumprir não é conveniente para a criança, ela recria-o. O autor acrescenta ainda que por vezes é o brinquedo que comanda a brincadeira, ou seja, é ele que dita as regras às quais a criança obedece, outras vezes cabe à criança comandar a brincadeira. Com isto, podemos concluir que o brinquedo é um mero veículo das regras criadas pela fantasia.

“Com a crescente industrialização do brinquedo, cada vez mais ‘aumentam’ as opções de brincar” (Poletto, 2005, p. 2). Moreira (1998) considera de extrema importância que seja dada à criança a oportunidade de escolher o seu brinquedo. O autor

acrescenta ainda que os pais não devem recusar nem censurar o objeto pedido pela criança substituindo-o por um brinquedo que eles quiseram possuir. A escolha deve pertencer sempre à criança, e a atitude dos pais deve ser a de procurar conhecer as necessidades da criança assim como a de enriquecer e encorajar as suas brincadeiras. O mesmo autor refere ainda ser muito importante que o dador do brinquedo, sendo os pais ou não, nunca ceda a caprichos aquando da aquisição de um brinquedo nem nunca ofereça um brinquedo a uma criança com desinteresse, pois para a criança a escolha de um brinquedo é um assunto de extrema seriedade. Ainda na temática da dádiva de brinquedos à criança, Moreira (1998) referencia que antes de ser dado, o brinquedo deve ser fortemente desejado pela criança para completar uma necessidade demonstrada pela mesma. “A abundância da dádiva de brinquedos à criança, mal ela esboça um desejo, destrói a brincadeira; e a criança abandona os brinquedos” (Moreira, 1998, p. 55). Na ótica de Bettelheim (2003, p. 306), ao darmos um brinquedo a uma criança, estamos a dar-lhe permissão para que ela possa utilizá-lo da forma que desejar, estamos também a depositar na criança confiança de que ela utilizará o seu brinquedo de forma apropriada. Devemos admitir que a criança se possa servir dos brinquedos que lhe damos da forma que quiser. O autor salienta que “não devemos nunca dar-lhe um brinquedo com a ideia preconcebida de que a criança só poderá brincar com ele connosco, ou segundo a forma como o fabricante previu”, pois esta atitude elimina toda a espontaneidade da brincadeira, assim como toda a liberdade que a criança sente ao brincar fora do domínio dos adultos. Contrariamente ao que os autores a cima defendem, Mrech (2001) afirma que “os brinquedos, falando propriamente, a criança não precisa que lhe sejam dados, já que os cria a partir de tudo o que lhe cai nas mãos”.

De acordo com Brito (2012), a criança utiliza o brinquedo nas suas brincadeiras como suporte, isto faz com que atribua ao brinquedo a função de mediador entre ela própria e o mundo exterior de forma a construir a sua personalidade. Para Garvey (1992), o brinquedo surge como elemento proporcionador de oportunidade para que a criança possa expressar os seus sentimentos, preocupações, interesses e também como meio intermediário da interação social entre adultos e crianças. Freud, citado por Brito (2012), defende que o brinquedo serve de catalisador do brincar pois é através do brinquedo que a criança transpõe situações traumáticas, conflitos e angústias.

Vygotsky (1989), citado por Poletto (2005), considera que o brinquedo preenche diversas necessidades da criança, tais como, permite a ligação da criança ao mundo

fantasiado, ajuda na transição entre o pensamento e o objeto real e possibilita ainda um maior autocontrolo na criança visto que esta lida com conflitos relacionados com as regras sociais e com os seus próprios impulsos.

4. A relação família – brincadeira

“A família é o primeiro meio de socialização da criança, em que ela receberá a base inicial do que consiste a vida em sociedade.” (Zuccolotto, 2009, p. 1)

Pires (1985), citado por Baptista (2009), refere que o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança é diretamente influenciado pela família. Brandão (1988), citado por Baptista (2009), acrescenta que a família é a primeira instituição de educação no tempo, pois foi responsável pela educação de sucessivas gerações. Em 2009, Zuccolotto afirmou que cabe à família a construção do hábito de brincar, pois a brincadeira não é algo intrínseco nas crianças, ou seja, elas não nascem a saber brincar. Segundo Ramos (2003), citado por Baptista (2009), é igualmente da responsabilidade das famílias o desenvolvimento integral e harmonioso das crianças, pois são as famílias que escolhem, responsabilmente, os padrões educativos que consideram mais adequados. O facto da família educar a criança e permitir o seu desenvolvimento, indica o reconhecimento, pela família, do vínculo direto e imediato entre a criança e o brincar (Borges, 2008).

O brincar necessita de espaço físico, no entanto Baptista (2009), refere que o espaço físico que se encontra disponível para que as crianças possam desenvolver as suas brincadeiras nem sempre corresponde às suas necessidades, uma vez que as crianças passam grande parte do seu tempo em espaços fechados, por exemplo, em casa, na escola, na catequese, etc. Isto acontece pois a vida social atual condiciona as possibilidades lúdicas da criança, ou seja, os pais receiam que as crianças brinquem na rua devido ao trânsito das cidades e ao aumento da criminalidade que se faz sentir nos dias de hoje. Brito (2012) acrescenta fatores impeditivos para a brincadeira livre da criança, tais como, a falta de espaço para brincar nos apartamentos, a escassez de espaços exteriores para brincar e jogar com qualidade e ainda o excesso de tempo que as crianças passam em casa quando poderiam frequentar outros espaços que lhes permitam estabelecer outras relações sociais, para além das familiares. Baptista (2009) refere ainda que sempre que saem, as crianças fazem-se acompanhar pelos adultos e detêm sempre um objetivo específico, como ir até à escola, ir visitar parentes ou amigos, etc. Parece fora de questão, nos dias de hoje, deixar as crianças utilizarem o espaço da rua para brincarem à vontade. Zuccolotto (2009) alerta para o facto das crianças brincarem menos atualmente. A investigadora justifica este acontecimento pela falta de tempo dos

pais em virtude do trabalho, pelo reduzido número de filhos por família, pelas novas tecnologias consideradas como os brinquedos da atualidade e é claro, a televisão. A investigadora acrescenta ainda outra possível justificação, a preparação precoce das crianças para o mercado de trabalho através de sucessivas aulas de espanhol, inglês, informática, etc., que Bettelheim (2003, p. 300) considera como incorreta pois afirma que “as crianças incultas que tiveram poucas oportunidades para brincar e com quem os pais pouco brincaram têm dificuldade na escola – sem a experiência de serem bem-sucedidas nas brincadeiras não têm suficiente confiança em si próprias para serem bem-sucedidas na escola”. Tais motivos não podem ser aceites pois brincar é fundamental às crianças.

Zuccolotto (2009) afiança que a atividade lúdica é insuficientemente explorada pelas famílias por culpa de alguns fatores, tais como, maior exposição das crianças à televisão, intensidade da rotina de trabalho dos pais e ausência de momentos prazerosos através da brincadeira entre pais e filhos. Poletto (2005) afirma que a interação direta entre pais e filhos está cada vez mais restrita a períodos de tempo curtos para além de serem consideradas como interações de baixo nível de interação face-a-face. Sesi (2006), citado por Landin, Beraldo, Oliveira e Taveira (2010), defende que foi graças à modernidade que elementos construtivos da família, tais como afetividade, lealdade, fidelidade, relações profundas, ambiente gerador e formador de valores morais, éticos e religiosos, se fragmentaram e pulverizaram. O facto dos pais trabalharem excessivamente faz com que sobre pouco tempo para que se brinque com a criança. Com o sentido de minimizar o sentimento de culpa, os pais acreditam na recompensa material, ou seja, oferecer bens materiais às crianças (um brinquedo, um DVD, entre outros) para que estas se possam entreter sem reclamar o tempo que poderia ter sido passado na companhia dos progenitores (Zuccolotto, 2009). Tiba (2007) defende que os aparelhos eletrónicos não devem substituir nunca os momentos de convivência familiar, entre pares tampouco as atividades saudáveis realizadas no exterior. Borges (2008) afirma ser necessário reservar às crianças momentos, ainda que sejam poucos, prazerosos de reconhecimento, afeto e cumplicidade. “Só quando os pais sentem pela brincadeira (...) interesse especial é que a experiência (...) da criança fornece uma base sólida sobre a qual ela pode desenvolver a sua relação com os pais e mais tarde com o mundo” (Bettelheim, 2003, p. 266). O que sucede é que muitos pais preferem encher os seus filhos de brinquedos ao mostrar por eles um interesse real e participarem

ativamente nas atividades lúdicas dos seus filhos. “Observa-se, nos dias actuais, o distanciamento familiar de elementos simples, mas de fundamental importância na formação da criança” (Landin, Beraldo, Oliveira, & Taveira, 2010, p. 61).

Segundo Machado (2005), citado por Baptista (2009), a percepção que os pais possuem do valor da atividade lúdica é favorável. Contudo, os pais acreditam serem mais benéficas as atividades organizadas e conduzidas por adultos do que as brincadeiras livres das crianças. Na ótica de Bettelheim (2003), visto a ação de brincar ter para a criança significados tão importantes, os pais não deveriam planejar brincadeiras cuidadosamente estruturadas pois o que realmente importa nas brincadeiras é a espontaneidade e a direccionalidade que respondem a um impulso interno. Sem estas características, grande parte do valor da brincadeira fica destruído.

“Kooij e Hurk (1991) investigaram a atitude educativa dos pais e a opinião deles sobre a importância de brincar” (Neto, 2003, p. 100). De acordo com os autores, está presente na ideia dos pais a importância que a atividade lúdica tem no desenvolvimento da criança. Os pais consideram que o brincar traz vantagens relativamente ao desenvolvimento social, criativo, pessoal, emocional e cognitivo da criança. De acordo com Hohmann e Weikart (1995), os progenitores entendem que as crianças constroem a sua compreensão do mundo através da brincadeira.

De acordo com Zamberlan e Biasoli-Alves (1997), citado por Poletto (2005), a partilha de atividades entre pais e filhos promove a transmissão de valores culturais de variadas naturezas, como religiosos, morais, tradicionais e académicos. Segundo Zuccolotto (2009) é necessário que o hábito de brincar seja cultivado no seio da família, pois, fortalece a formação do vínculo afetivo, melhorando as relações.

“Os pais, sempre que possível, devem brincar com os filhos.” (Bomtempo, s.d., p. 7). A investigadora afirma que ao brincarem com os seus filhos, os pais compreendem melhor as crianças o que os torna mais felizes. Durante a brincadeira partilhada, os pais devem baixar-se ao nível das crianças, sentando-se no chão, andar de gatas, etc... Devem igualmente esforçar-se para se lembrarem de quando eles próprios eram pequenos e de como era prazeroso brincar. A investigadora refere ser importante que os pais não imponham nada, e que conversem de modo a explicarem as razões de cada ação. A participação do adulto na brincadeira enriquece e estimula a imaginação das crianças incitando-as no alcance de níveis superiores de desenvolvimento (Sousa,

2012). Alves *et al.* (2001), citado por Poletto (2005), acrescenta que o adulto ao brincar com a criança vai favorecer trocas entre gerações, como por exemplo, a construção de brinquedos e jogos populares. Ao brincar em família, a criança valoriza preferencialmente o processo da brincadeira em vez do resultado da mesma (Zuccolotto, 2009). Sousa (2012) refere que ao brincar com a criança o adulto está a demonstrar-lhe a sua atenção, isto faz com que sejam reforçados os laços afetivos entre o adulto e a criança.

“Participar nas brincadeiras das crianças é uma das formas dos adultos lhes demonstrarem que valorizam e apoiam os seus interesses e intenções.” (Hohmann & Weikart, 1995, p. 316). Gomes (2008), citado por Brito (2012), defende que os adultos representam o papel de estimular a imaginação das crianças, despertar ideias e questioná-las de modo a que elas próprias procurem soluções para os problemas que surgirem. O autor refere ainda a importância do adulto servir como modelo, ou seja, observando o adulto, as crianças recriam novas personagens e até novos modos de agir na brincadeira. De acordo com Hohmann e Weikart (2003), citado por Barbosa (2013), podemos depreender que as crianças são recetivas à presença dos adultos na brincadeira pois quanto mais os adultos tomam iniciativa de se juntarem a elas mais elas estão aptas a convidá-los. Os autores entendem que a recetividade das crianças deve ser encarada pelo adulto naturalmente para que não deixem de agir com espontaneidade. Em 1995, Hohmann e Weikart afirmaram que os pais devem juntar-se às brincadeiras dos filhos procurando aberturas naturais nas brincadeiras envolvendo-se em brincadeiras paralelas, brincando como companheiros, ou até mesmo sugerindo novas ideias dentro do tema da brincadeira que as crianças estão a desenvolver no momento. Os autores adiantam ainda que esta entrada no universo dos filhos deve ser feita de forma não disruptiva e respeitadora. “Associar-se com sucesso às brincadeiras das crianças depende da possibilidade de ver as coisas da perspectiva delas e de permitir às crianças manter o controlo sobre a situação lúdica” (Hohmann & Weikart, 1995, p. 316).

“É claro que os pais se sentem felizes ao verem o seu filho entretido a brincar. Mas será que se sentem assim também felizes por participarem nas suas brincadeiras?” (Bettelheim, 2003, p. 325). É muito satisfatório que os pais encorajem as crianças a brincar quando é feito com vontade e não por dever. Muitos adultos têm tendência a brincar com as crianças apenas para as distrair, ao contrário do que estas desejam. As crianças percebem quando os pais brincam com gosto e quando brincam por

‘obrigação’. Ao notarem que os pais brincam com elas com desinteresse, as crianças rapidamente se apercebem que o essencial para os adultos é o facto das crianças não representarem para eles um entrave e que, deste modo a brincadeira em si não representa qualquer importância para os mesmos. O autor acrescenta que esta percepção das crianças faz com que a participação do adulto se torne desagradável, e com que as crianças se sintam diminuídas, retirem menos prazer da brincadeira e reduz ainda a capacidade dessa mesma brincadeira a ajudar a desenvolver a inteligência e a personalidade. Muitas vezes, as crianças convidam os adultos para brincarem com elas e estes recusam dizendo «Daqui a minutos». Na ótica de Bettelheim (2003), os pais pensam que se a criança não voltou a insistir no convite foi porque desistiu e resolveu brincar sozinha. Contudo, quando em resposta a um convite para brincar o adulto recusa dizendo que irá dentro de uns minutos, a criança entende que estão a mandá-la «passar» e que não possuem qualquer vontade de brincar com ela. Isto faz com que esta não se sinta confortável em convidar uma segunda vez, com receio de ouvir novamente uma resposta negativa.

“A primeira atividade lúdica de uma criança e de seus pais tem um objetivo intrínseco que Daniel Stern descreveu como «pura interação»” (Garvey, 1992, p. 43). Segundo a autora, sons, expressões e movimentos faciais, incluindo o contacto físico, são os meios utilizados pelos pais para criarem e manterem o nível de atenção e expectativa nos filhos. Estes podem variar em velocidade, intensidade, extensão e combinação. Estas são as primeiras sensações, traduzidas em divertimento, que os adultos oferecem às crianças. “Fazem-nas saltar nos joelhos para cima e para baixo, fazem-lhe cócegas ou levantam-nas ao ar e em todas estas experiências os bebés dão mostras evidentes de prazer” (Garvey, 1992, p. 41).

Andrade (1994), citado por Borges (2008), menciona a importância dos adultos saberem jogar ou brincar. Saber jogar ou brincar é mais do que a exibição de brincadeiras e jogos às crianças, é sentir prazer na execução da ação lúdica. Por outro lado Bettelheim (2003, p. 335) defende ser “evidente que os pais não conseguem sentir o mesmo prazer que os seus filhos quando fazem cair centenas de vezes a bolinha dentro do seu biberão ou enquanto ele percorre a casa puxando um carrinho de brinquedo”. Contudo, o autor admite não existir grande diferença entre o prazer que a criança sente na repetição de uma brincadeira e o prazer que o adulto retira em atirar para a água uma linha de pesca durante um longo período de tempo.

Bettelheim (2003), expõe o facto dos adultos despertarem um maior interesse pelos jogos ao contrário do que acontece relativamente às brincadeiras. Isto acontece pois os jogos possuem o componente competitivo que leva os adultos a entrarem rapidamente no seu significado e importância. O autor afirma que “se pudessemos sentir-nos igualmente envolvidos emocionalmente na brincadeira de uma criança como estamos nesses jogos, que também jogamos, encontraríamos em nós mesmos um sentimento espontâneo para a importância do brincar” (Bettelheim, 2003, pp. 268-269). Ainda assim, o autor acredita que se tal acontecesse, as relações seriam mais fáceis, mais cheias de significado e mais agradáveis tanto para as crianças como para os adultos. Por outro lado, é mais fácil para os adultos juntarem-se a brincadeiras exploratórias ou a brincadeiras de faz-de-conta, que necessitam de mais do que um jogador, do que se associarem a brincadeiras de construção pois estas requerem um nível de energia tão grande por parte das crianças que não lhes sobra energia para se dedicarem aos adultos (Hohmann & Weikart, 1995). Relativamente às brincadeiras de faz-de-conta, Hohmann e Weikart (1995), defendem ser importante para as crianças o apoio dos pais nesta vertente lúdica fornecendo-lhes materiais e adereços apropriados e também interagindo com elas como parceiros, sempre de forma a respeitar o ritmo de cada criança. Bettelheim (2003, p. 306), acrescenta outro erro comum aos adultos ao interagirem com a criança por meio das brincadeiras, que é o facto de “não a tomar como se fosse a sério. Mas, em mais do que um sentido, a brincadeira é a verdadeira realidade da criança, temos de a respeitar como tal”. O mesmo autor crê que atualmente os pais dedicam-se a brincadeiras que pensam ser tão aliciantes para as crianças assim como são para eles e não entendem que essas brincadeiras só se tornam aliciantes para a criança quando esta for mais crescida. A atitude dos pais que se envolvem pessoalmente nas brincadeiras dos filhos e que as compreendem é totalmente diferente da atitude que os pais teriam se se envolvessem nelas apenas como pais (Bettelheim, 2003).

Quando pedimos aos adultos que nos falem das memórias agradáveis que têm da infância, as suas mentes ficam frequentemente inundadas de imagens de brincadeiras: saltar à corda, jogar ao pião, fazer bolinhos de areia, subir às árvores, dar de comer às galinhas, jogar à macaca ou às escondidas, apanhar uvas no quintal, mascarar-se, brincar com água, esconder-se debaixo da camilha que cobria a mesa da sala de estar. (Hohmann & Weikart, 1995, p. 87)

Bettelheim (2003) defende que a mãe que brincava com bonecas, como que se de pequenas meninas se tratasse, vai disponibilizar à sua própria filha bonecas para que esta lhes arranje bonitos vestidos. A pergunta que o autor coloca é, quantas horas estará a mãe disposta a brincar com as bonecas na companhia da filha? Hoje em dia as mães privam-se a si próprias de usufruírem de experiências que certamente seriam muito significativas tanto para elas como para as suas filhas. Neste caso, o facto da mãe participar na brincadeira de bonecas com a filha, poderia trazer recordações à mãe há muito esquecidas, ou até mesmo trazer aspetos desconhecidos da sua própria infância. Os adultos possuem lembranças destas brincadeiras especificamente pois foram brincadeiras que detiveram um grande impacto sobre si. A aprendizagem que advém juntamente com a brincadeira é possivelmente uma das razões para que as crianças queiram brincar sempre mais (Hohmann & Weikart, 1995). Sucintamente e como afirma Wenders (1994), citado por Borges (2008, p. 125), “muitas vezes os pais esquecem de coisas simples e valiosas como a prática do brincar”.

Contudo, brincar não é tarefa fácil para alguns adultos. Borges (2008), esclarece que o que inibe os adultos de se juntarem às brincadeiras das crianças é o facto de não saberem diferenciar o «ser criança» do «brincar com crianças», os pais até podem ter vontade de brincar com os seus filhos, mas a ideia, errada, de terem que ser crianças para entrarem nas brincadeiras das mesmas, concede-lhes algum receio e até mesmo vergonha. Wood e colaboradores (1980), citado por Hohmann e Weikart (1995), expõem alguns motivos utilizados pelos adultos para evitarem brincar com as crianças, é caso disso, o facto de brincar ser coisa de crianças e não de adultos, a ideia de que os adultos perturbam o equilíbrio das brincadeiras das crianças, considerarem que brincar com as crianças é repetitivo e maçador, as ideias dos adultos arruinam a criatividade das crianças, é de maior importância que as crianças brinquem entre si do que com adultos, têm vergonha de serem vistos por outros adultos a brincarem e, por último, o medo da perda de autoridade por ceder às regras das crianças durante as brincadeiras. Os autores aconselham os adultos que detêm problemas em brincar com os seus filhos a pesarem o que tem mais importância: os seus sentimentos ou os benefícios que a brincadeira respeitadora e alegre traz aos seus filhos. Bettelheim (2003) explica que os pais leem porque gostam de ler, ouvem música por gostarem de ouvir música, e tanto ao lerem para os seus filhos como ao tocarem música para eles, estão a encorajá-los a realizarem as mesmas ações. Porém, como são adultos, é raro que sintam prazer em brincar com

brinquedos da mesma forma que os filhos o fazem, desta maneira torna-se mais difícil para os adultos introduzirem-se nas brincadeiras das crianças. “Os pais encaram demasiado frequentemente a ação de brincar como um passatempo «infantil» e isso apesar de compreenderem o lugar importante que ocupa na vida da criança” (Bettelheim, 2003, p. 266). O autor afirma que os adultos nem sempre pensaram desta forma pois antigamente, no século XVIII, crianças e adultos eram companheiros de brincadeiras. Deste modo, o entendimento entre adultos e crianças era imediato pois a brincadeira tinha bastante significado para ambos. Ao contrário da criança, que ignora que está a brincar, o adulto sabe quando o está a fazer, posto isto Moreira (1998, p. 49) questiona “será esta a meta que separa a criança do adulto? Será que o ganhar a consciência de que a vida não é um jogo contínuo marca o fim da fase infantil?”.

Hohmann e Weikart (1995) consideram importante os adultos aprenderem a linguagem das brincadeiras, uma vez que as crianças comunicam através dela. Esta aprendizagem pode ser feita através da audição e da observação das crianças enquanto brincam. Ao observarem as crianças com atenção durante este processo, os adultos apercebem-se das inúmeras formas que a brincadeira pode tomar. Os autores acrescentam que a complexidade da brincadeira aumenta à medida que a própria criança se desenvolve e modifica. Relativamente à observação das crianças, Sousa (2012, p. 40), defende que os pais enquanto espectadores devem “observar tudo o que as crianças criam, elogiando os seus esforços com entusiasmo, e não apenas os produtos finais, ou seja, brincar com a criança deverá ter para o adulto objectivos pedagógicos e não de mero entretenimento”.

Capítulo II – Opções metodológicas

1. Objetivos

Este relatório pretende refletir sobre a “importância atribuída pela família ao ato de brincar das crianças”, sendo este o tema do presente trabalho.

Como objetivo geral pretendemos entender a importância atribuída pelos pais/encarregados de educação ao ato de brincar e conhecer quais as opiniões dos mesmos sobre a brincadeira dos seus filhos/educandos.

Considerando os elementos que a bibliografia nos forneceu selecionámos alguns objetivos:

- 1 – Conhecer hábitos lúdicos entre pais e filhos;
- 2 – Entender que tipo de brincadeiras a criança realiza no contexto familiar;
- 3 – Conhecer opiniões dos pais sobre o ato de brincar dos filhos;
- 4 – Identificar formas de ocupação do tempo livre pela criança quando está em casa;
- 5 – Conhecer opções feitas pelas famílias sobre espaços utilizados com a criança nos tempos de lazer;
- 6 – Perceber quais as preferências dos pais/encarregados de educação no tipo de brincadeira de “faz-de-conta” na interação com os seus filhos/educandos;
- 7 – Reconhecimento dos pais de algumas brincadeiras realizadas durante o dia-a-dia das crianças na instituição em questão.

O presente estudo enquadra-se no paradigma qualitativo, sendo este o paradigma em que melhor se enquadra o foco da nossa investigação.

Como afirma Biklen e Bogdan (2013, p. 48), “a investigação qualitativa é descritiva”. Os autores referem que todos os dados recolhidos através desta investigação são em forma de imagens ou palavras e não através de números, ou seja, os investigadores não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outro tipo de dados a meros números. Na investigação qualitativa, os resultados redigidos contêm citações realizadas com base nos dados recolhidos de modo a ilustrar e a substanciar a

apresentação. Os investigadores tentam fazer uma análise dos dados respeitando a sua forma de registo ou de transcrição.

Neste tipo de investigação o investigador assume o papel principal e a fonte de dados é o ambiente natural (Biklen & Bogdan, 2013). Os autores acrescentam que os dados podem ser recolhidos através de equipamento eletrónico, como vídeo ou áudio e também através de um bloco de apontamentos. É usual nos investigadores o uso dos dados recolhidos eletronicamente complementados pelas anotações que são feitas no local e pelo contacto direto com a amostra. Os autores afirmam que os investigadores deste tipo de investigação analisam os seus dados indutivamente e não fazem recolha de dados com o objetivo de comprovar hipóteses previamente construídas. Os investigadores qualitativos em educação estão sistematicamente a questionar os sujeitos de investigação no sentido de perceberem o que por eles foi experienciado. Em 1995, Pacheco veio defender que o investigador busca o propósito, a deliberação de uma ação. Para o mesmo autor, o investigador está mais interessado no conteúdo do que no procedimento. Nesta tipologia de investigação a “generalização é substituída pela particularização, a relação causal e linear pela relação contextual e complexa, os resultados inquestionáveis pelos resultados questionáveis, a observação sistemática pela observação experimental ou participante” (Pacheco, 1995, p. 41). Desta forma, Biklen e Bogdan (2013), defendem que na abordagem qualitativa o significado é essencial. De acordo com os autores, os investigadores qualitativos interessam-se pelo modo como diversas pessoas dão significado às suas vidas.

2. Amostra

“A definição da amostra deverá ser feita em estreita ligação com os objectivos teóricos. O mais grave, e o mais raro, é fazer perguntas a alguém que não sabe as respostas ou cujas respostas não nos interessam” (Silva & Pinto, 1987).

A amostra é constituída por 36 pais/encarregados de educação de crianças que frequentam o Jardim-de-Infância numa estrutura particular de ensino num ambiente socioeconómico específico.

A escolha da amostra fez-se por conveniência, pelo facto de se tratar dos encarregados de educação das crianças da sala em que estagiámos no âmbito da PES.

3. Caracterização da escola

Trata-se de uma instituição de ensino particular, criado por pessoas singulares, onde se ministra o ensino coletivo e onde se desenvolvem atividades de caráter pedagógico e lúdico, situado no distrito de Setúbal. Esta estrutura particular de ensino encontra-se inserida num ambiente socioeconómico específico.

Relativamente às infra estruturas, a instituição é composta por diversos e diferentes espaços interiores e exteriores, todos eles visando a qualidade e segurança das crianças. Isto porque os espaços envolventes deverão ser um elemento indispensável ao bem-estar das crianças, contribuindo necessariamente para o seu equilíbrio físico, psíquico e emocional, otimizando os seus níveis de rendimento aquando da aprendizagem de novos conhecimentos e saberes.

Assim, as suas infra estruturas são constituídas por:

- Espaço interior:
 - Cozinha;
 - 3 Salas de creche, com casa de banho;
 - 3 Salas de jardim-de-infância, com casa de banho;
 - 1 Sala de berçário e uma copa;
 - 1 Ginásio;
 - Casa de banho de adultos;
 - Gabinete da direção;
 - Gabinete de reuniões;
 - Sala de biblioteca;
 - 2 Refeitórios (creche e jardim-de-infância);
 - Elevador;
 - Balneário das funcionárias;

- Sala técnica;
- Dispensa.
 - Espaço exterior:
 - 2 Parques infantis (creche e jardim-de-infância);
 - Zona de relva;
 - Horta;
 - Tanque de areia;
 - Arrumos.

4. Técnica de recolha de dados

Tendo em conta o objeto de estudo, utilizámos como instrumento de investigação o questionário. Os questionários foram distribuídos aos pais/encarregados de educação das crianças da sala contendo questões que se destinaram a obter dados para caracterização da amostra.

A opção pelo questionário, como instrumento de recolha de dados, justifica-se pelo facto de ser uma técnica voltada para a investigação qualitativa semi-dirigida com respostas abertas e fechadas que prevalece nas ciências e na sociedade em geral.

5. O questionário como instrumento de investigação

Ghiglione e Matalon (1978), citados por Carvalho (1989), designam o questionário como sendo uma técnica de recolha de dados que tem como objetivo interrogar um certo número de indivíduos, com o objetivo da generalização. Carmo e Ferreira (1998, p. 123) consideram o questionário como a “recolha sistemática de dados para responder a um determinado problema”.

Como Carmo e Ferreira (1998) referem, o questionário tem como principal objetivo destapar a área livre dos dois interlocutores, ou seja, a área secreta do

entrevistado e a área cega do entrevistador, no que respeita à matéria da entrevista, ou do questionário neste caso. Deste modo, o investigador deve iniciar qualquer questionário com uma apresentação estruturada onde se inclua a sua apresentação pessoal assim como a apresentação do problema de pesquisa e a explicação do que é pretendido ao entrevistado. “Ao abrir a sua área secreta, o entrevistador fornece ao entrevistado dados que lhe permitem entender a sua importância como fornecedor de informação e, por consequência, a sua utilidade para a investigação em curso” (Carmo & Ferreira, 1998). Isto vai permitir ao entrevistado que não se sinta utilizado ou manipulado, permitindo a criação de um ambiente de partilha voluntária de informação e não de aquisição constrangedora ou opressiva da mesma.

Segundo Carvalho (1989) a construção do questionário não se limita a uma listagem de questões, está sujeito a um conjunto de procedimentos teórico-epistemológicos que vão permitir definir o plano de observação que o respetivo questionário pretende realizar.

Carmo e Ferreira (1998) defendem que geralmente um questionário agrega diferentes tipos de perguntas, tais como, perguntas de identificação, perguntas de informação, perguntas de descanso e perguntas de controlo. Como o nome indica, as perguntas de identificação destinam-se à identificação do inquirido, não nominalmente, mas situando-o em grupos sociais singulares, por exemplo, de idade, género, profissão, habilitações académicas, etc. As perguntas de informação, servem para coletar informações sobre factos e também coletam opiniões do inquirido. Muitas vezes sem tratamento posterior encontram-se as perguntas de descanso, que têm como objetivo a inserção de uma pausa que permita mudar de assunto, ou podem também destinar-se à introdução de perguntas de maior dificuldade de resposta ou que inibam o entrevistado devido à sua natureza melindrosa. Por fim, destinadas à verificação da veracidade de certas perguntas encontram-se as perguntas de controlo.

Relativamente à natureza das questões, Carvalho (1989) afirma que estas podem ser diretas ou indiretas, ou seja, diretas quando possuem um carácter interrogativo e indiretas quando possuem um carácter opinativo. O investigador refere a existência de outras duas tipologias de perguntas: abertas e fechadas. As perguntas fechadas oferecem vantagens no tratamento estatístico, isto acontece pois as respostas a essas perguntas devem ser enquadradas nas hipóteses existentes no questionário. Exemplos de perguntas fechadas são as perguntas de identificação, como por exemplo, sexo, idade, estado civil,

local de residência, número de pessoas no agregado familiar, entre outros. O investigador considera que o facto de se empregar perguntas de resposta fechada no início do questionário faz com que o inquirido se sinta mais à vontade na passagem para perguntas relacionadas com temas mais polémicos ou problemáticos. A principal desvantagem deste tipo de perguntas para o investigador é a perda de informação. Referentemente às perguntas abertas, não se pode fazer uma previsão da resposta pois o inquirido tem liberdade de resposta. Justifica-se a utilização de perguntas de resposta aberta em dois casos particulares, o primeiro caso é quando se tratam de assuntos delicados, o segundo refere-se a quando as categorias de resposta utilizadas pelo investigador/inquiridor são demasiado redutoras dos objetivos que se propõe atingir. Os dois principais inconvenientes, segundo o investigador, do uso deste tipo de perguntas são a formulação das mesmas que têm que ser elaboradas de forma mais cuidada uma vez que terão que ser produzidas em interrogação indireta e a análise e tratamento das respostas pois oferecem um número maior de categorias a codificar.

Segundo Carmo e Ferreira (1998), após a redação da primeira versão do questionário, é necessário garantir a sua aplicabilidade no terreno assim como avaliar se está de acordo com os objetivos formulados inicialmente pelo investigador. Deste modo, a primeira versão do questionário tem que ser testada através da aplicação do questionário a uma subpopulação da amostra que se vai utilizar para que se possa verificar se todas as questões são compreendidas da mesma forma pelos inquiridos, se as alternativas de resposta às questões fechadas cobrem todas as possibilidades de resposta, se não existem perguntas desnecessárias, demasiado difíceis ou a que um grande número de sujeitos se recusa a responder por serem tendenciosas ou por desencadearem reações de ato-defesa, se carecerão perguntas relevantes ao estudo e, por último, se os inquiridos não acharão o questionário demasiado longo, maçador ou até mesmo difícil. De acordo com os autores, este processo denomina-se de pré-teste e permite também apurar em que condições o questionário deve ser aplicado. Carvalho (1989) afirma que após a realização do pré-teste irá dar-se a reformulação do questionário segundo as informações que foram recolhidas pelos inquiridores. A aplicação extensiva do questionário só irá ser realizada após a reformulação do mesmo.

6. Descrição do questionário

O questionário elaborado para a recolha de dados deste estudo contém questões fechadas e questões abertas.

No que respeita às questões fechadas, foi dado ao inquirido a possibilidade de escolher uma das opções existentes e colocar o símbolo X na opção pretendida.

Em três das questões de resposta fechada, optou-se por uma variedade de alternativas de resposta e ainda a opção “Outras. Quais?” permitindo ao inquirido acrescentar livremente uma opção diferente das propostas.

A modalidade de resposta “Muitas vezes”, “Poucas vezes” e “Nunca” foi utilizada em outras três questões de resposta fechada. Esta modalidade de resposta foi utilizada de modo a entender a frequência das atividades realizadas. Era pedido ao inquirido que colocasse um X na opção que mais se aproximasse da realidade.

Foi utilizado, numa das questões de resposta fechada, um conjunto de preposições sobre o conceito “Brincar” nas quais era possível responder “Concordo” ou “Não concordo”.

As restantes perguntas eram questões de resposta aberta e serviam para que os inquiridos referissem aspetos das brincadeiras dos seus filhos e também as suas opiniões sobre as mesmas.

No início do questionário foi criada uma nota de cabeçalho onde era explicado aos inquiridos não só o objetivo do mesmo, mas também onde era solicitada a colaboração dos mesmos, agradecendo-a no final do cabeçalho.

O referido questionário encontra-se dividido em cinco partes.

A primeira parte pretende obter dados sobre a amostra e sustenta-se nas questões que vão da 1.1 à 1.5. As questões são:

- 1.1. – Género do inquirido (feminino, masculino);
- 1.2. – Género do(a) seu/sua filho(a): (feminino, masculino);
- 1.3. – Idade do(a) seu/sua filho(a);
- 1.4. – Número de pessoas do agregado familiar;

1.5. – Habilitações literárias do pai/da mãe.

A segunda parte do questionário baseia-se nos hábitos lúdicos que os pais têm com os seus filhos e também na importância que os pais dão ao brincar.

As brincadeiras de faz-de-conta ocupam a terceira parte do questionário permitindo aos inquiridos referirem quais as brincadeiras que realizam com os seus filhos e de que forma incentivam os seus filhos a brincarem ao faz-de-conta.

Pareceu-nos pertinente perceber até que ponto os encarregados de educação conhecem os hábitos lúdicos dos seus filhos no Jardim de Infância: que brincadeiras realizam e que materiais utilizam.

A quinta e última parte foi constituída a partir de questões de resposta aberta que se destinaram principalmente a comentários ou sugestões por parte dos inquiridos referentes à problemática em estudo.

O questionário utilizado para a recolha de dados deste estudo, foi elaborado com questões baseadas em perguntas dos questionários de Maria Baptista (2009) e de Joana Sousa (2012).

7. Descrição dos procedimentos

Considerámos relevante a realização de um pré-teste do questionário com vista a descobrir problemas e eliminar questões irrelevantes ou demasiado confusas.

O pré-teste consistiu na entrega de quatro questionários a um grupo de quatro encarregados de educação cujos educandos frequentassem a valência de Jardim-de-Infância.

Após a recolha e análise das falhas encontradas no pré-teste, foram realizadas pequenas alterações na formulação do questionário e algumas perguntas foram eliminadas.

Para a aplicação do questionário foi escolhida intencionalmente a instituição onde estagiámos durante a PES, que também fica situada na nossa zona de residência.

Com vista a ser efetuada a distribuição dos questionários, foi previamente pedida autorização às diretoras da instituição.

Os exemplares do questionário foram entregues por nós aos encarregados de educação. Visto que a entrega dos questionários aos encarregados de educação foi realizada nas duas últimas semanas da PES, foi pedida a colaboração da Educadora Cooperante e da Auxiliar da Ação Educativa para a recolha dos mesmos.

A entrega dos exemplares do questionário realizou-se entre os dias 15 e 27 de Junho de 2014 e na data combinada com a Educadora Cooperante e com a Auxiliar da Ação Educativa dirigimo-nos ao Colégio para a recolha dos mesmos.

Após a recolha dos questionários pudemos verificar que dos 18 questionários distribuídos foram entregues 18 questionários preenchidos.

8. Apresentação e tratamento de dados

As questões fechadas foram organizadas percentualmente e as questões do tipo aberto geraram categorias que foram agrupadas por número de frequência.

O tratamento de dados foi realizado com o auxílio do programa Microsoft Excel 2013.

Capítulo III – Apresentação, análise e discussão dos resultados

Neste estudo a amostra é constituída por 36 pais/encarregados de educação de crianças que frequentam o Jardim-de-Infância numa estrutura particular de ensino num ambiente socioeconómico específico. Foi distribuído um questionário a todos os casais de pais/encarregados de educação dos referidos alunos, ou seja, foram distribuídos 18 questionários.

Após o preenchimento dos questionários, os resultados dos mesmos foram cuidadosamente analisados. Para facilitar a leitura dos dados foram realizados gráficos com base nos resultados obtidos, tendo estes, sido traduzidos em percentagens, chegando aos resultados finais.

1. Descrição da amostra

1.1. Quem preencheu o questionário

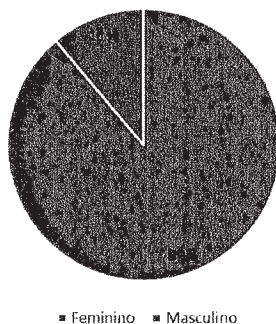
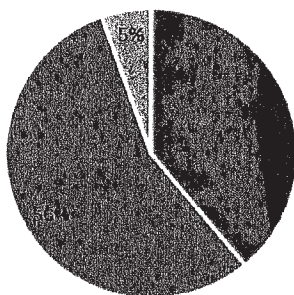


Gráfico 1 - Género do respondente

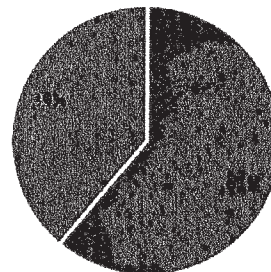
Dos respondentes ao questionário apurámos que a maioria é do género feminino, ou seja, foram as mães maioritariamente a responderem ao questionário, restando apenas 11% para o género masculino, tal como se pode verificar no gráfico 1.

1.2. Caracterização das crianças



■ 3 ■ 4 ■ 5

Gráfico 2 - Idade dos filhos dos respondentes



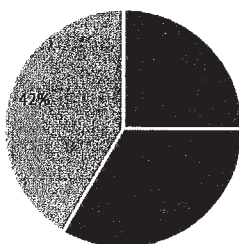
■ Feminino ■ Masculino

Gráfico 3 - Género dos filhos dos respondentes

De acordo com o gráfico 2, pudemos verificar que 56% dos encarregados de educação possuem o seu filho na faixa etária dos quatro anos, enquanto 39% possuem filho com três anos e apenas 5% dos inquiridos possuem filho com cinco anos.

Segundo os dados obtidos nos questionários e ilustrado pelo gráfico 3, verifica-se nesta amostra uma percentagem maior de alunos do sexo feminino (61%), do que do sexo masculino (39%).

1.3. Número de pessoas do agregado familiar



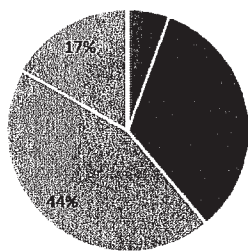
■ 3 ■ 4 ■ 5

Gráfico 4 - Número de pessoas do agregado familiar

Em relação ao número de pessoas do agregado familiar, segundo o gráfico 4, os agregados familiares formados por cinco pessoas constituem a maior percentagem (42%).

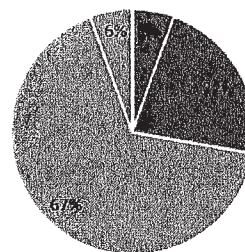
Pelo exposto podemos constatar que na nossa amostra ainda prevalece um elevado número de famílias constituídas por cinco elementos, sendo formadas pelo casal com três filhos. No entanto, a tendência verificada em Portugal é para a diminuição do número de famílias constituídas por cinco pessoas, assim como a diminuição dos agregados familiares constituídos por quatro pessoas.

1.4. Caracterização da mãe



■ 25-29 ■ 30-34 ■ 35-39 ■ 40-44

Gráfico 6 - Idade da mãe

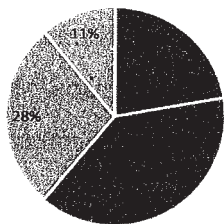


■ 9º ano ■ 12º ano ■ Licenciatura ■ Mestrado

Gráfico 5 - Habilitações literárias da mãe

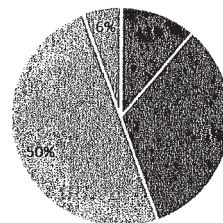
Como pudemos confirmar com os dados acima mencionados, no gráfico 6, as idades das mães predominantes na amostra encontram-se entre os 35 e os 39 anos. Quanto às habilitações literárias das mesmas, segundo o gráfico 5, a maior percentagem das mães (67%) possui o grau de licenciatura, seguido da conclusão do 12º ano com 22% e terminando com o grau de Mestrado com apenas 6% e com a conclusão do 9º ano com 5%.

1.5. Caracterização do pai



■ 30-34 ■ 35-39 ■ 40-44 ■ 45-50

Gráfico 8 - Idade do pai



■ 9º ano ■ 12º ano ■ Licenciatura ■ Bacharelato

Gráfico 7 - Habilitações literárias do pai

Ao analisarmos as idades correspondentes aos pais inquiridos, de acordo com o gráfico 8, verificámos que também a maioria dos pais detém idades compreendidas entre os 35 e os 39 anos (39%).

Comparativamente às habilitações literárias das mães, também os pais possuem na sua maioria o grau de licenciatura (50%) seguido da conclusão do 12º ano com 33%. Ao contrário do que acontece com as mães, existem mais pais com apenas a conclusão do 9º ano (11%) do que com o grau de bacharelato (6%).

2. Hábitos lúdicos da criança

2.1. Hábitos lúdicos da criança em casa

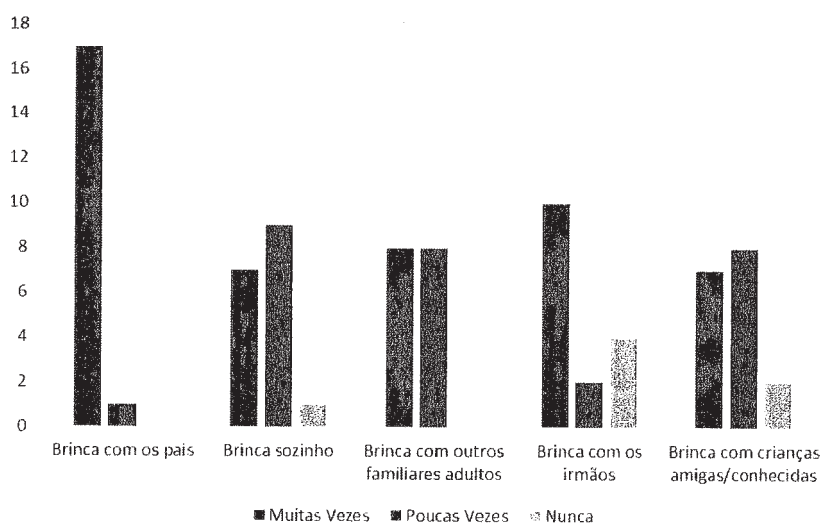


Gráfico 9 - Com quem brinca a criança quando está em casa

Podemos constatar, com os dados referidos no gráfico 9, que quando a criança está em casa brinca maioritária e frequentemente na companhia dos seus pais, com menos frequência encontram-se as brincadeiras individuais e raramente as brincadeiras com os irmãos. Este valor elevado relacionado com a brincadeira entre irmãos pode dever-se ao facto das famílias em questão terem apenas um filho ou podem acontecer também se existir uma diferença etária considerável entre irmãos.

De acordo com Zamberlan e Biasoli-Alves (1997), citado por Poletto (2005), a partilha de atividades entre pais e filhos promove a transmissão de valores culturais de variadas naturezas, como religiosos, morais, tradicionais e académicos. A participação do adulto na brincadeira enriquece e estimula a imaginação das crianças incitando-as no alcance de níveis superiores de desenvolvimento (Sousa, 2012).

O'Grady (2007) esclarece que não é negativo o facto da criança brincar sozinha, pois ao brincar sozinha desenvolve a sua capacidade de concentração, – na construção de legos, a saltar à corda - aumenta o poder de imaginação e a sua criatividade – na criação de histórias ou na brincadeira às casinhas a criança exercita a mente em busca de informações armazenadas no seu cérebro o que vai fazer com que crie um universo próprio para cada brincadeira.

2.2. Brincadeiras realizadas pelos pais com as crianças

Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

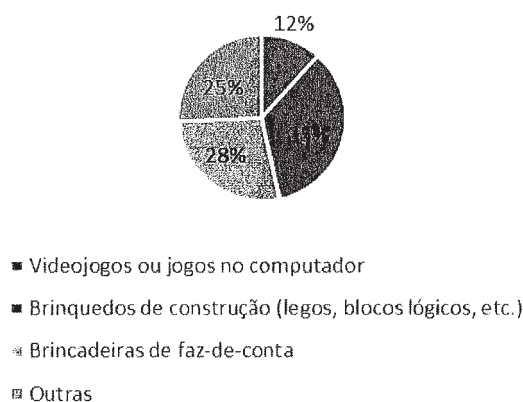


Gráfico 10 - Tipos de brincadeiras realizadas entre pais e filhos

O gráfico 10 mostra-nos a natureza das brincadeiras realizadas entre pais e filhos, onde podemos verificar que a maioria pertence a jogos de construção (35%), seguindo-se as brincadeiras de faz-de-conta (28%), brincadeiras de outros tipos (25%) e, por fim, estão presentes os videojogos ou jogos de computador (12%).

25% dos pais referiram brincar com os seus filhos a outros tipos de brincadeiras, tais como, leitura, culinária, atividades de expressão plástica (plasticina, recorte e colagem, desenho e pintura), televisão, puzzles, cantar, dançar, brincadeiras de jardim (escorrega, baloiço e piscina), desportos de exterior (futebol e ténis), jogos de cartas, de tabuleiro e didáticos, jogar às escondidas, jogar à apanhada, corridas de triciclos, regar o jardim, alimentar animais domésticos, corridas de carros e de comboios telecomandados e ainda jogos de adivinhas.

2.3. Frequência com que os pais brincam com as crianças

Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?



Gráfico 11 - Frequência com que os pais brincam com as crianças

Quando inquiridos sobre qual a frequência semanal com que brincavam com os seus filhos, o gráfico 11 expõe que 67% dos pais/encarregados de educação responderam fazê-lo todos os dias. Em iguais percentagens de 11% encontra-se cada uma das restantes respostas: entre uma e três vezes por semana; entre quatro e seis vezes por semana; e apenas ao fim de semana.

Poletto (2005) afirma que a interação direta entre pais e filhos está cada vez mais restrita a períodos de tempo curtos para além de serem consideradas como interações de baixo nível de interação face-a-face. O facto dos pais trabalharem excessivamente faz com que sobre pouco tempo para que se brinque com a criança.

3. Opinião dos pais sobre o ato de brincar dos filhos

3.1. Concepções dos pais sobre o ato de brincar das crianças

Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas

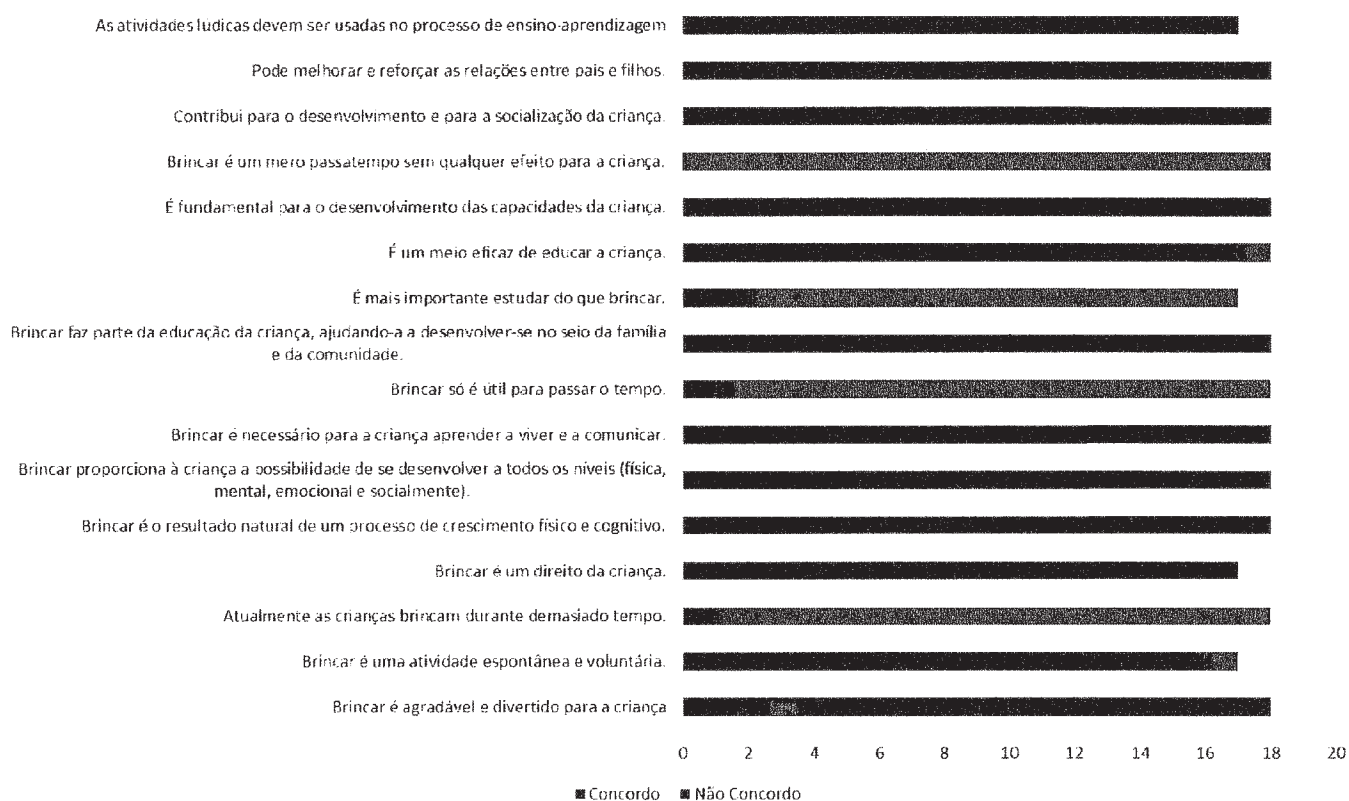


Gráfico 13 - Opinião dos pais sobre o conceito de "Brincar"

O gráfico 13 ilustra as opiniões dos pais/encarregados de educação referentemente ao conceito de "Brincar". De acordo com os dados recolhidos, foi-nos possível constatar que a totalidade dos inquiridos concorda com a maioria das afirmações que foram disponibilizadas. Os pais concordam que o brincar:

- Deve ser usado no processo de ensino-aprendizagem;

- Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos;
- Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança;
- É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança;
- Faz parte da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade;
- É necessário para a criança aprender a viver e a comunicar;
- Proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente);
- É o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo;
- É agradável e divertido para a criança.

Apurámos também que a totalidade dos respondentes não concorda que o brincar seja encarado como um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança e que a maioria dos mesmos discorda que estudar seja mais importante do que brincar, que brincar só tem utilidade para passar o tempo e discordam ainda que atualmente as crianças brinquem durante demasiado tempo. Relativamente a este último aspeto Zuccolotto (2009), alerta para o facto das crianças brincarem menos atualmente. A investigadora justifica este acontecimento pela falta de tempo dos pais em virtude do trabalho, pelo reduzido número de filhos por família, pelas novas tecnologias consideradas como os brinquedos da atualidade e é claro, a televisão. A investigadora acrescenta ainda outra possível justificação, a preparação precoce das crianças para o mercado de trabalho através de sucessivas aulas de espanhol, inglês, informática, etc.

As atividades lúdicas devem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem pois traz inúmeras vantagens, como por exemplo, a transmissão de conteúdos através dos jogos, proporciona o desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo, ético, artístico, entre outros (Mendosa, 2012).

Segundo Zuccolotto (2009), é necessário que o hábito de brincar seja cultivado no seio da família, pois, fortalece a formação do vínculo afetivo, melhorando as relações. Sousa (2012) refere que ao brincar com a criança o adulto está a demonstrar-lhe a sua atenção, isto faz com que sejam reforçados os laços afetivos entre o adulto e a criança.

No que diz respeito ao contributo do brincar para a socialização da criança, Baptista (2009), afirma que esta atividade lúdica representa também uma importante função no desenvolvimento social, ou seja, na relação com os outros e ainda no desenvolvimento psicológico o qual se refere ao bem-estar da criança.

No geral, e segundo Bettelheim (2003), os pais concordam que as brincadeiras não são um mero passatempo para a criança e veem-no como algo sério e importante. Desta forma oferecem de bom grado brinquedos às crianças encorajando-as a brincar com eles e arranjam ainda forma de que o seu filho brinque com outras crianças. As brincadeiras vão-se alterando à medida que a compreensão e o espírito da criança se alteram e é por meio delas que as crianças compreendem “como as coisas funcionam: aquilo que pode ser feito ou não com os objetos, e como, e os rudimentos do «porque sim» ou «porque não»” (Bettelheim, 2003, p. 239).

Também na comunicação o brincar tem forte influência. Para Vygotsky (1967), citado por Bomtempo (s. d.), é por via do brincar que as crianças começam a comunicar tanto com outras crianças como com os adultos. O diálogo entre pessoas de culturas diferentes é propiciado através do jogo ou brinquedo. Estes dois elementos apresentam-se, deste modo, como fatores de comunicação mais amplos do que a própria linguagem uma vez que permitem a comunicação entre pessoas de culturas diferentes. Gomes (2010), citado por Sousa (2012), acredita que as crianças utilizam a brincadeira ao invés das palavras para se expressarem, aprenderem e se desenvolverem. Também Cordeiro (2007) defende que ao brincar a criança utiliza uma linguagem e uma comunicação mais simbólica, mais organizada e mais ampla. O autor indica ainda que a criança ao interagir com os outros por meio da brincadeira e ao estabelecer um diálogo por forma a exprimir as suas ideias e sentimentos torna-se mais apta ao nível da linguagem.

Em relação ao brincar como possibilitador de desenvolver a criança a todos os níveis Vygotsky (1979), citado por Mendosa (2012), defende que o brincar, muitas vezes, para nós adultos, parece ser um ato de pura distração e gasto de energia, mas para a criança representa um instrumento importantíssimo no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e psicológico.

“Kooij e Hurk (1991) investigaram a atitude educativa dos pais e a opinião deles sobre a importância de brincar” (Neto, 2003, p. 100). De acordo com os autores, está presente na ideia dos pais a importância que a atividade lúdica tem no desenvolvimento

da criança. Os pais consideram que o brincar traz vantagens relativamente ao desenvolvimento social, criativo, pessoal, emocional e cognitivo da criança.

A totalidade concordou com a afirmação “Brincar é um direito da criança”, o que é realmente verdade. De acordo com a Declaração dos Direitos da Criança (1990, p. 22), a criança possui “o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade”.

Também a totalidade dos respondentes concordou com o facto de brincar ser divertido para as crianças. Quanto a isto Garvey (1992) refere que o brincar mesmo que não apresente sinais de euforia ou de alegria é sempre avaliado como sendo agradável e divertido pela criança que brinca.

Podemos também observar neste gráfico que três dos respondentes não deram a sua opinião a quatro das dezasseis afirmações que lhes foram apresentadas e que apenas um respondente discorda que o brincar seja visto como um meio eficaz de educar a criança e que este seja um ato espontâneo e voluntário da mesma.

4. Formas de ocupação do tempo livre pela criança quando está em casa

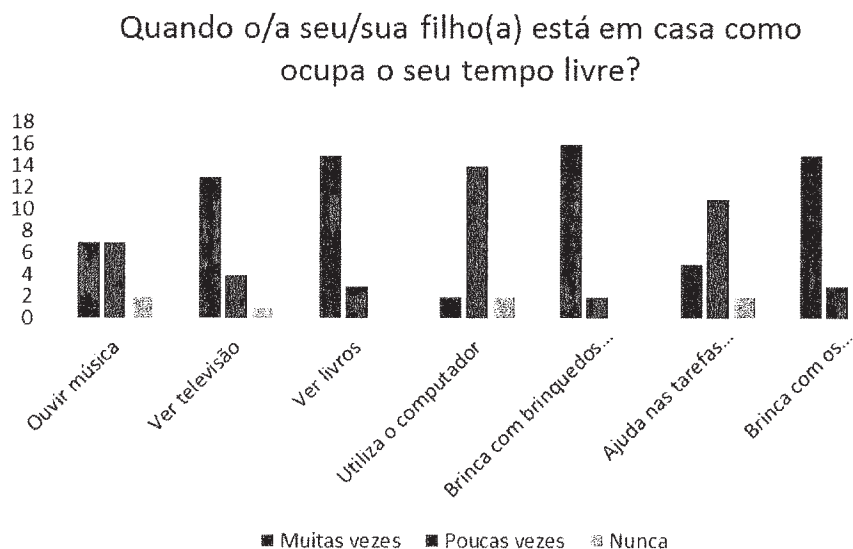


Gráfico 14 - Ocupação do tempo livre da criança quando fica em casa

Dezasseis dos dezoito pais/encarregados de educação afirmam, de acordo com o gráfico 14, que os filhos passam a maior parte do seu tempo ocupados em brincadeiras com brinquedos de compra, já catorze referem que os seus filhos utilizam poucas vezes o computador e dois defendem que os seus filhos nunca ouvem música, nunca utilizam o computador nem ajudam nas tarefas domésticas.

Por conseguinte, podemos afirmar que para além dos pais brincarem todos os dias com os seus filhos, é com as brincadeiras com brinquedos comprados que a criança passa a maioria do seu tempo livre.

5. Opções familiares para a frequência de lugares com as crianças nos tempos livres

5.1. Lugares frequentados pelos pais com as crianças

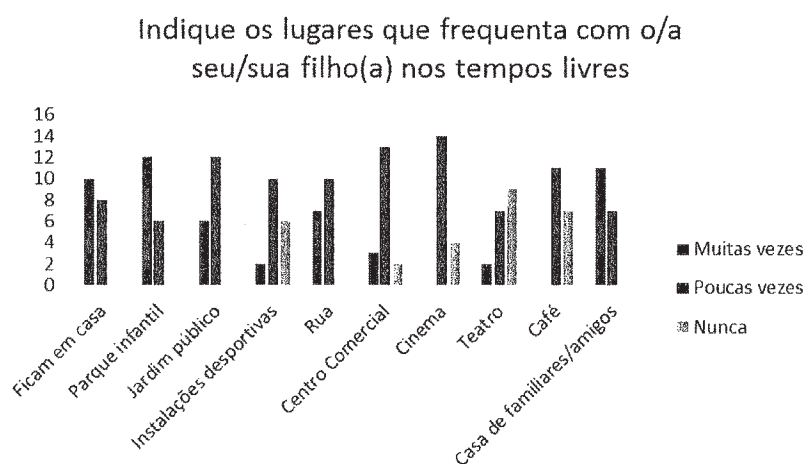


Gráfico 15 - Lugares frequentados com os filhos nos tempos livres

Os respondentes referiram levar os seus filhos maioritariamente a parques infantis, frequentam também na companhia dos filhos embora que com menos regularidade o cinema e raramente vão ao teatro.

O brincar necessita de espaço físico, no entanto Baptista (2009), refere que o espaço físico que se encontra disponível para que as crianças possam desenvolver as suas brincadeiras nem sempre corresponde às suas necessidades, uma vez que as crianças passam grande parte do seu tempo em espaços fechados, por exemplo, em casa,

na escola, na catequese, etc. Isto acontece pois a vida social atual condiciona as possibilidades lúdicas da criança, ou seja, os pais receiam que as crianças brinquem na rua devido ao trânsito das cidades e ao aumento da criminalidade que se faz sentir nos dias de hoje.

Do nosso ponto de vista é bom sabermos que, visto que cada vez mais é raro o contacto das crianças com o exterior, os pais proporcionam às crianças atividades lúdicas ao ar livre e em contacto com outras crianças.

6. Brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos

6.1. Brincadeiras de faz-de-conta realizadas entre pais e filhos

Brincar aos cozinheiros	7
Brincar aos pais e aos filhos (com posições invertidas)	5
Fazer de conta que são animais	3
Brincar aos médicos	3
A interação é feita entre a criança e o irmão mais velho	2
Fazer teatros	2
Brincar às professoras	2
Brincar aos super-heróis	2
Inventar histórias	2
Brincar às mercearias	2
Brincar às cabeleireiras / Manicuras	2
Não brinca ao faz-de-conta com o filho	1
Despir e vestir as bonecas	1
Brincar às princesas	1
Brincar às tendas	1
Fingir que faz limpezas	1
Brincar às profissões	1
Fazer magia	1

Tabela 1 - Brincadeiras de faz-de-conta realizadas entre pais e filhos

Quando perguntados sobre que tipo de brincadeiras de faz-de-conta os pais realizam com os seus filhos, os encarregados de educação responderam maioritariamente (7 casos) que brincam aos cozinheiros e aos pais e aos filhos (5 casos), com inversão de papéis obviamente. Crianças gostam bastante de imitar animais (3 casos) e de brincar aos médicos (3 casos). Os pais de duas crianças referiram que quem brincava com a criança era o filho mais velho por isso não tinham dados para responder, e ainda os pais / encarregados de educação de uma das crianças afirmou não brincar ao faz-de-conta com o seu filho.

Os progenitores referiram brincar com os seus filhos a diversas brincadeiras de faz-de-conta, tais como, fazer teatros, inventar histórias, despir e vestir bonecas, fazer magia, brincar às professoras, aos super-heróis, às mercearias, às cabeleireiras e manicuras, às princesas, às tendas, às limpezas e às profissões.

Pela natureza das respostas dos pais /encarregados de educação podemos comprovar que as crianças realizam brincadeiras muito similares entre si como brincar aos cozinheiros, aos pais e aos filhos, aos animais e aos médicos.

6.2. Frequência com que ocorrem brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos

Frequência com que ocorrem brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos

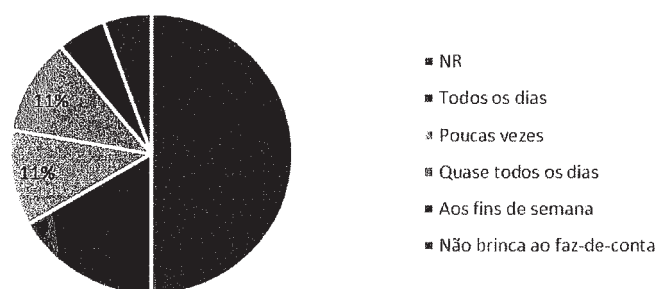


Gráfico 16 - Frequência com que ocorrem brincadeiras de faz-de-conta entre pais e filhos

Através do gráfico 16 é visível percebermos que a maior parte dos pais (50%) não responderam a esta questão. Isto pode se ter devido ao facto desta questão ter sido

agrupada numa outra, o que fez com que os respondentes dessem mais atenção à primeira parte da questão, esquecendo de responder a esta parte.

Não obstante a isso, verificamos que a segunda maioria de respondentes (17%) afirmou brincar todos os dias com a criança. Ambos com uma percentagem de 11% ficaram os respondentes que indicaram brincar com pouca frequência com a criança e também as que afirmaram brincar quase todos os dias.

Um dos respondentes afirmou não brincar ao faz-de-conta com o/a seu/sua filho/a (6%), e outro respondeu que brincava na companhia da criança a brincadeiras deste tipo apenas aos fins-de-semana (5%).

6.3. Materiais utilizados pelas crianças nas brincadeiras de faz-de-conta

Brinquedos estruturados	10
Brinquedos do dia-a-dia dos adultos	5
Materiais de desperdício	3
NR	2
Roupas	2
Plasticina	2
Puzzles, legos	2
Tambor	1
Recorte de revistas	1
Pintura	1
Piano	1
Papel, lápis, livros	1
Máscaras	1
Mala de médico	1
Carros	1
Caixa de música	1
Bolas	1

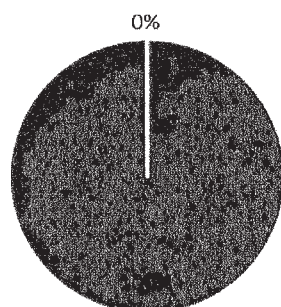
Tabela 2 - Materiais utilizados pelas crianças nas brincadeiras de faz-de-conta

De acordo com os dados recolhidos pela tabela 2, percebemos que grande parte dos pais respondentes a este inquérito não sabem o que são brincadeiras de faz-de-conta. Chegámos a esta conclusão pois quando inquiridos sobre que materiais os seus filhos utilizam para brincar ao faz-de-conta, os pais responderam: plasticina, puzzles, legos, recorte de revistas, pintura, tocar piano, papel, lápis, livros, carros, caixa de música e bolas, o que não são considerados como materiais utilizados em brincadeiras de faz-de-conta. Estes materiais poderiam ser utilizados para brincar ao faz-de-conta se a criança alterasse o seu simbolismo e lhes desse outra utilidade, como por exemplo, fazer dum carrinho um telefone, o que não se verifica neste caso. Como refere Neto (2003), os adultos têm a opinião errada de que tudo o que as crianças fazem é brincar.

Relativamente aos pais que estão mais por dentro das brincadeiras de faz-de-conta dos seus filhos, a maioria indicou que estes utilizam brinquedos devidamente estruturados para o efeito, como por exemplo, pratos de plásticos, micro-ondas de brincar, talheres de plástico, alimentos de brincar, etc. Alguns utensílios do dia-a-dia dos adultos são igualmente utilizados, tais como, tachos, panos, colheres de pau, massas cruas, etc. Também os materiais de desperdício, por exemplo, copos de iogurte, caixas de manteiga, entre outros, são utilizados para brincadeiras de faz-de-conta dos filhos dos inquiridos.

Uma peça fundamental na brincadeira de faz-de-conta que poucas crianças têm ao seu dispor são as roupas de disfarce, na nossa opinião ajuda bastante a criança a ser quem quiser, a entrar na personagem. Na nossa amostra apenas dois pais indicaram que os seus filhos brincavam com recurso a estas.

6.4. Incentivo dos pais à fantasia e à imaginação das crianças



■ Sim ■ Não

Gráfico 17 - Incentivo dos pais relativamente à fantasia e à imaginação do seu filho durante a brincadeira de faz-de-conta

Foi-nos possível verificar através do gráfico 17 que a totalidade dos pais/encarregados de educação incentiva os seus filhos no que diz respeito à fantasia e à imaginação no ato da brincadeira de faz-de-conta.

6.5. Formas de incentivo dos pais à fantasia e à criatividade das crianças

"Adaptando-me à sua idade e assumindo também uma personagem"	5
NR	3
"Inventando lugares ou situações engraçadas de agrado à criança"	2
Através da magia	1
"Puxo pela criatividade"	1
"Pegar na fantasia e na imaginação e levá-los, conduzi-los à realidade; mas num mundo de faz-de-conta onde tudo é a fingir"	1
"Proporciono ambiente para que possa com o irmão colocar em prática todas as «aventuras» que querem ter"	1
"Colocá-lo a ler um livro para a família invertendo os papéis que normalmente são atribuídos a ele"	1
"Na construção de histórias a partir de palavras/desafios"	1
"Ele é sempre o herói"	1
"Questiono como ela acha que deve ser, o que vai acontecer, o que tenho de fazer, etc."	1
"Com contos tradicionais. Ex: capuchinho vermelho, as princesas, etc."	1

Tabela 3 - Formas de incentivo dos pais à fantasia e à criatividade das crianças

A maioria dos respondentes indicou, segundo a tabela 3, que incentiva os seus filhos à fantasia e à criatividade tomando parte da brincadeira e assumindo uma personagem. Durante a brincadeira partilhada, os pais devem baixar-se ao nível das crianças, sentando-se no chão, andar de gatas, etc... Devem igualmente esforçar-se para se lembrarem de quando eles próprios eram pequenos e de como era prazeroso brincar (Bomtempo, s.d.).

Não obtivemos resposta de três inquiridos. Dois dos inquiridos referiram transportar os seus filhos para um outro universo, do agrado da criança, como por exemplo, castelo há uns séculos passados onde existiam príncipes e princesas.

Singularmente obtivemos respostas bastante diferentes e originais como foram os casos dos pais/encarregados de educação que incentivam a criança através de contos tradicionais, dos que vão questionando o que têm que fazer ao longo da brincadeira e dos que fazem a inversão de papéis com a criança para que seja ela a ler o livro à família. Um dos respondentes indicou que promove a fantasia e a criatividade do seu filho proporcionando um ambiente favorável para que a criança possa brincar, com o irmão, ao que mais desejar, apesar de não deixar de ser um incentivo, não era este tipo de resposta que procurávamos pois a pergunta destinava-se ao incentivo na brincadeira entre pais e filhos e não entre irmãos.

Hohmann e Weikart (1995) defendem ser importante para as crianças o apoio dos pais nesta vertente lúdica fornecendo-lhes materiais e adereços apropriados e também interagindo com elas como parceiros, sempre de forma a respeitar o ritmo de cada criança.

Alguns respondentes não quiseram elaborar a sua resposta indicando apenas que o faziam puxando pela criatividade da criança, ou através da magia, ou referindo que fazem com que a criança seja sempre o herói.

6.6. Opinião dos pais sobre a contribuição das brincadeiras de faz-de-conta para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos seus filhos

Agilizar o raciocínio
Desenvolve a imaginação
Ajuda na socialização com adultos e crianças
Dá a conhecer vontades e curiosidades
Desenvolve a autoestima
Aumenta o vínculo entre pais e filhos
Estimula o desenvolvimento afetivo
Desenvolve a criatividade
Desenvolve o vocabulário
Ensina que nem tudo é como na TV
Ajuda a compreender regras de comportamento
Ajuda na interiorização e interpretação dos diferentes papéis e estatutos
Ajuda a expressar e a lidar com estados de espírito e emoções
É importante para o bem-estar das crianças
Brincar é uma forma de explorar o mundo
Melhora a interação entre irmãos
Incentiva a fantasia

Tabela 4 - Opinião dos pais sobre a contribuição das brincadeiras de faz-de-conta para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos seus filhos

De acordo com a tabela 4, os pais/encarregados de educação acreditam que as brincadeiras de faz-de-conta agilizam o raciocínio, ajudam na socialização com adultos e com outras crianças aumentando desta forma o vínculo entre pais e filhos e entre irmãos, estimula o desenvolvimento afetivo, ajuda na compreensão de regras de comportamento, são importantes para o bem-estar das crianças, incentivam a fantasia e são a maneira que as crianças têm de explorar o mundo.

Hohmann e Weikart (1995) alegam que o brincar ao faz-de-conta e a representação de papéis são atividades sociais que possibilitam o desenvolvimento social e linguístico das crianças.

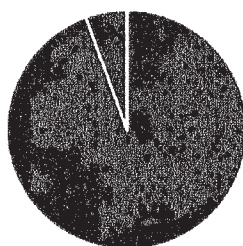
Alguns inquiridos responderam ainda que as brincadeiras de faz-de-conta fazem com que a criança expresse vontades e curiosidades, fazem com que ela perceba que nem tudo é como se vê na televisão, ajuda na interiorização e interpretação dos diferentes papéis e estatutos e ajuda ainda a expressar e a lidar com estados de espírito e emoções.

Como referem Papalia, Olds e Feldman (2001), ao representar papéis, a criança muda de identidade e encarna o papel de uma personagem – normalmente um adulto próximo, preferencialmente a mãe – isto faz com que a criança adquira novas competências, por exemplo, tornam-se mais aptos na linguagem, experimentam diferentes papéis e lidam com emoções complexas. Como defende Aguilar (1988), citado por Barbosa (2013), o jogo simbólico ajuda a criança no seu confronto com a realidade pois tanto a traz até si sob a forma de jogo, como transpõe para a realidade as suas vivências da mesma forma.

Os respondentes acreditam ainda que este tipo de brincadeiras desenvolve a imaginação, a autoestima, a criatividade e o vocabulário.

7. Brincadeiras no contexto de Jardim de Infância

7.1. Conhecimento dos pais sobre as brincadeiras realizadas pelos filhos no Jardim de Infância



■ Sim ■ Não

Gráfico 18 - Conhecimento dos pais relativamente às brincadeiras de faz-de-conta realizadas no Jardim-de-Infância

O gráfico 18 esclarece-nos sobre o nível de conhecimento dos pais sobre as brincadeiras realizadas pelos filhos no contexto escolar e revela-nos que a grande maioria dos respondentes estão conscientes deste facto (94%), visto que só um inquirido respondeu negativamente (6%).

7.2. Brincadeiras realizadas no Jardim de Infância conhecidas pelos pais

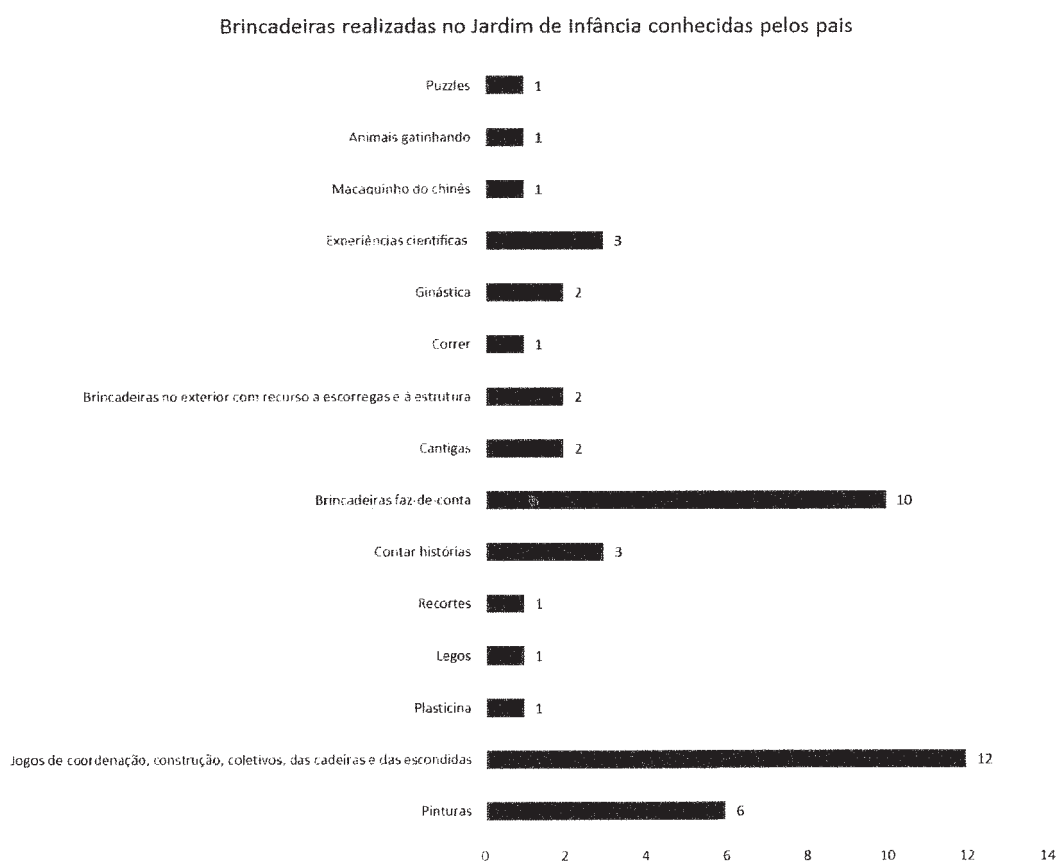


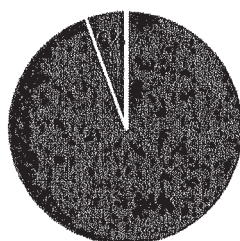
Gráfico 19 - Brincadeiras realizadas no Jardim de Infância conhecidas pelos pais

Com o auxílio do gráfico 19, é fácil entender que as respostas que os pais/encarregados de educação deram relacionam-se apenas com o que estes veem quando vão deixar ou buscar o seu filho ou com o que conhecem existir no colégio. Por exemplo, o espaço exterior é onde as crianças estão normalmente à hora que a maioria dos pais vai buscar as crianças ao colégio e foi um dos mais citados nas respostas a esta

questão. Isto pode ser explicado por uma falta de comunicação entre pais e filhos relativamente às brincadeiras que realiza, ou então pela existência de um desinteresse evidente dos pais relativamente ao que os seus filhos fazem durante o dia no colégio.

Muitos pais indicaram apenas o nome das áreas da sala de aula que estão mais perto da porta de entrada da mesma, não indicando que brincadeiras o seu filho nelas realiza. Alguns pais referiram até áreas que existem na sala mas que a criança em questão não costuma utilizar ou muito raramente utiliza.

7.3. Conhecimento dos pais sobre quais os materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos disponíveis no Jardim de Infância



■ Sim ■ Não

Gráfico 20 - Conhecimento dos pais relativamente aos materiais de enriquecimento pedagógico disponível no Jardim-de-Infância

De acordo com o gráfico 20, ficámos elucidadas relativamente ao grau de conhecimento dos pais sobre os materiais de enriquecimento pedagógico disponíveis no colégio frequentado pelos seus filhos. Este gráfico revelou-nos um grande conhecimento dos mesmos (94%) no sentido em que só um inquirido respondeu negativamente (6%).

7.4. Materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos disponíveis no Jardim de Infância conhecidos pelos pais

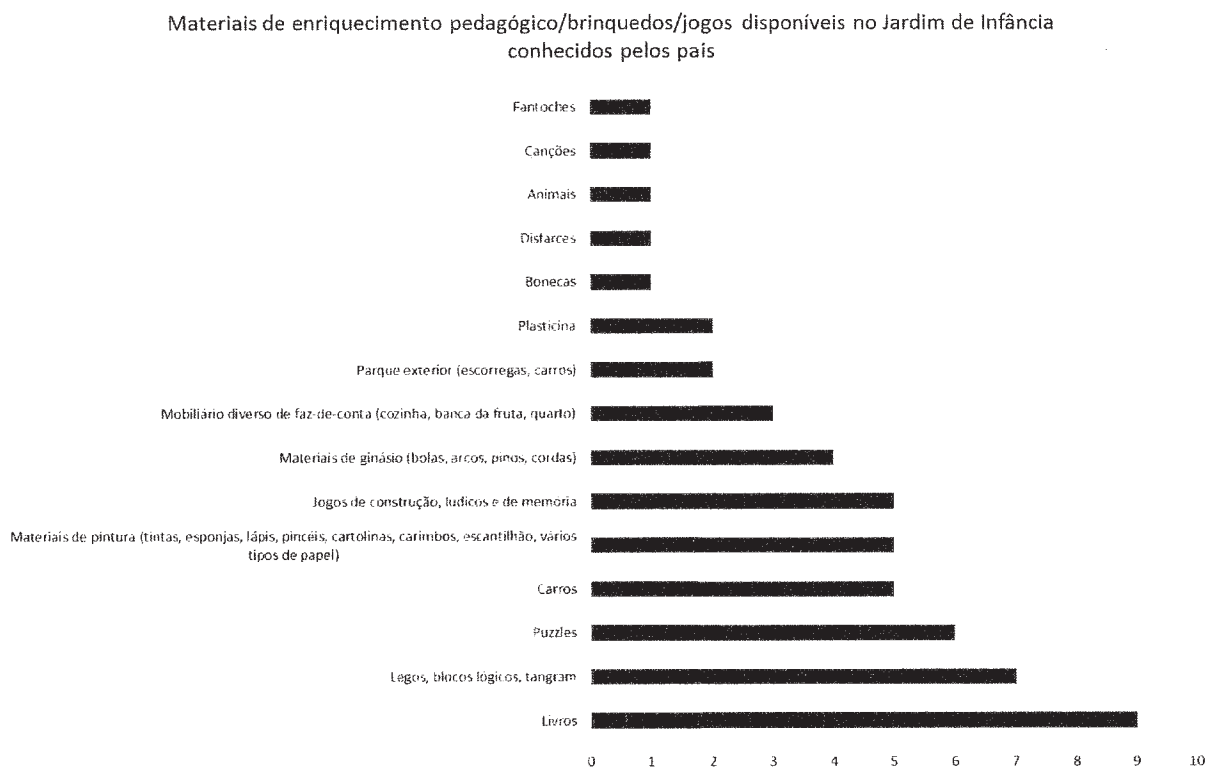


Gráfico 21 - Materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos disponíveis no Jardim de Infância conhecidos pelos pais

Com a informação retirada do gráfico 21 podemos constatar que dos materiais existentes na instituição, os que os pais/encarregados de educação mais têm presentes são os livros, talvez por estarem dispostos na entrada da sala. De seguida encontram-se os legos, os blocos lógicos e o tangram, seguidos pelos puzzles. Os carros, os materiais de pintura e os jogos de construção, jogos lúdicos e jogos de memória foram referenciados por cinco respondentes e existem na instituição embora os jogos de memória se encontrem na sala de acolhimento, ou seja, na sala onde os pais deixam e vão buscar os filhos e não na sala das crianças em questão. Em seguida encontram-se os materiais de ginásio, como arcos, bolas, cordas e pinos. Convém referir que as reuniões de pais se realizam sempre no espaço do ginásio e que só por este motivo os pais conhecem alguns dos materiais que lá se utilizam, à exceção das cordas que não existem no espaço da instituição. Mais uma vez a referencia ao mobiliário de faz-de-conta corresponde ao que existe na sala de acolhimento. Também o parque exterior é referido

por ser o local onde as crianças estão à hora que as famílias as vão buscar, daí terem conhecimento dele. Na nossa opinião, os dois respondentes que referiram a plasticina, são pais/encarregados de educação que se encontram mais presentes na vida dos seus filhos ou que conversam e tentam saber junto dos filhos o que fizeram durante o dia na instituição. A nossa opinião baseia-se no facto da área da plasticina se encontrar numa zona mais escondida da sala da qual os pais não chegam a ver quando deixam ou vão buscar os seus filhos à sala.

Em menor número encontram-se as bonecas, os disfarces, os animais, as canções e os fantoches.

Conclusões

Ao realizarmos este trabalho de natureza qualitativa, no âmbito da PES, pretendíamos conhecer e compreender a visão que os encarregados de educação têm das práticas do brincar no plano do contexto familiar.

Foi nosso objetivo analisar de que forma os encarregados de educação agem perante as brincadeiras dos seus filhos. Como futuras educadoras achámos pertinente compreender como lidam os pais com o ato lúdico das crianças com vista a realizarmos junto dos pais uma ação de sensibilização e posterior formação sobre a importância da atividade lúdica no pré-escolar. Objetivo que surgiu em virtude de se tratar de um tema bastante pertinente, uma vez que o brincar é um fator do desenvolvimento da educação de infância tanto no ambiente familiar como educativo.

Através da análise dos resultados foi-nos possível a obtenção de respostas aos objetivos delineados no início da realização deste estudo.

O nosso primeiro objetivo era o conhecimento dos hábitos lúdicos presentes entre pais e filhos. Com a elaboração dos questionários pudemos constatar que existem efetivamente hábitos lúdicos entre pais e filhos na sua maioria diários. Apesar dos pais referirem nas respostas dadas aos questionários que os filhos brincam a maioria das vezes na companhia dos pais, existem ainda muito adultos com a opinião de que as crianças devem brincar livremente sem a interação do adulto por considerarem que a intervenção do adulto afeta a progressão do brincar, impedindo a criança de distinguir entre realidade e fantasia. Talvez muitos pais não saibam, mas através da partilha de atividades lúdicas entre pais e filhos o vínculo existente entre os mesmos é reforçado, melhorando as relações.

Tivemos como segundo objetivo o entendimento do tipo de brincadeiras realizadas pela criança no contexto familiar e verificámos que a criança tem preferência pelos brinquedos de construção quando brinca com o adulto. Este acontecimento pode ser justificado pelo facto das brincadeiras de construção serem as que pedem mais do que um interveniente, logo deste modo é mais fácil para os pais o seu envolvimento. Mesmo assim, Hohmann e Weikart (1995) discordam desta ideia afirmando que por os jogos de construção requererem um grande nível de energia da parte da criança esta fica sem capacidade energética para dar atenção ao adulto.

Foi do nosso interesse conhecer quais as opiniões dos pais relativamente ao ato de brincar dos seus filhos e, através deste estudo, foi-nos possível evidenciar que a maioria dos pais possui uma visão idealizada sobre o brincar dos seus filhos, valorizando-o e incentivando-o.

Relativamente ao brincar, os pais concordam que este deve ser usado no processo de ensino-aprendizagem, pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos, contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança, é fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança, faz parte da educação da criança ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade, é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar. Proporciona também à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente), é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo e é agradável e divertido para a criança.

A generalidade dos pais concorda que as brincadeiras não são um mero passatempo para a criança e veem-nas como algo sério e importante. Os resultados sugerem que tendo em conta as transformações da sociedade atual, as crianças brincam menos sendo relevantes as modificações profundas no seio familiar, o recurso aos media e novas tecnologias, as mutações significativas no tempo e no espaço que é dedicado ao brincar, o qual ocorre principalmente no jardim-de-infância onde cada vez mais existe necessidade que lhe seja atribuída uma intencionalidade educativa.

De modo a entender de que forma as crianças ocupam o seu tempo livre inquirimos os pais/encarregados de educação neste sentido. As respostas dadas pelos mesmos revelam-nos que a criança prefere ocupar o tempo livre quando está em casa brincando com brinquedos estruturados ao invés de ouvir música ou ver televisão.

Pareceu-nos igualmente relevante conhecer quais as opções feitas pelas famílias sobre os espaços utilizados com a criança nos tempos de lazer. De acordo com os dados recolhidos pudemos verificar que as crianças passam pouco tempo fora de casa, tirando o tempo que passam na escola ou no jardim-de-infância, e quando saem fazem-se acompanhar dos adultos e frequentam sítios específicos como por exemplo, visitar amigos ou familiares, ir às compras, entre outros. Por outro lado e contrariamente ao esperado, o parque infantil foi eleito o local mais frequentado pelas famílias. Tendo em conta a raridade que se encontra nos dias de hoje das crianças contactarem com o meio

exterior, foi bastante importante percebermos que os pais proporcionam às crianças atividades lúdicas ao ar livre e em contacto com outras crianças.

Dado que o nosso estudo aborda as brincadeiras de “faz-de-conta”, foi do nosso interesse perceber quais as preferências dos pais/encarregados de educação no tipo de brincadeira de “faz-de-conta” na interação com os seus filhos/educandos. Nesta temática os pais elegeram brincar aos cozinheiros ou aos pais e aos filhos com posições invertidas. Ao brincarem com os seus filhos ao faz-de-conta, os pais estão a estimular a imaginação e a despertar novas ideias na brincadeira. Neste tipo de brincadeiras o adulto serve principalmente de modelo pois é através da observação dos adultos que a criança recria novas personagens e até novos modos de agir na brincadeira. Através da análise dos resultados, chegámos também à conclusão de que grande parte dos pais inquiridos não tem consciência do que são as brincadeiras de faz-de-conta.

Apesar desta falta de noção dos encarregados de educação, percebemos que existe um esforço em incentivá-los relativamente à fantasia e à imaginação. De acordo com os dados recolhidos da análise aos questionários foi notório o incentivo dado pelos pais às brincadeiras mais fantasiosas e criativas das crianças pelo facto de se juntarem às brincadeiras dos filhos procurando aberturas naturais nas mesmas brincando como companheiros e também pelo facto de fornecerem às crianças materiais e adereços assim como um ambiente favorável à prática da brincadeira em si. Posto isto, pensámos em realizar também ações de sensibilização e de formação sobre a temática das brincadeiras de faz-de-conta com vista a instruir os pais/encarregados de educação sobre quais as diferenças entre esta e outras tipologias do brincar.

Tivemos como último objetivo compreender o reconhecimento dos pais de algumas brincadeiras realizadas durante o dia-a-dia das crianças na instituição em questão. Os resultados apresentados indicam existir desinteresse da parte dos pais na rotina ou nas atividades realizadas pelos filhos no contexto de jardim-de-infância. Relativamente à rotina da criança na instituição pudemos ainda constatar que os pais só conhecem aquilo que veem quando vão buscar ou levar os filhos à instituição, só conhecem os materiais que estão junto às portas da sala das crianças ou mesmo junto à sala de acolhimento às crianças. Relativamente a esta temática do desconhecimento da parte dos pais relativamente ao espaço lúdico da instituição onde se encontram os seus filhos, sugerimos a realização de uma atividade semanal, pelos pais/encarregados de

educação, com o objetivo de familiarizar os progenitores com a sala das crianças e seus materiais constituintes.

Com a conclusão deste estudo foi-nos possível dar resposta à questão de partida do mesmo. A pergunta que foi elaborada inicialmente como desencadeadora deste trabalho foi “Como os pais tendem a compreender e acompanhar o ato de brincar e quais as opiniões dos mesmos sobre a brincadeira dos seus filhos/educandos?”. Após o término deste estudo conseguimos compreender que os pais possuem uma visão muito positiva do brincar e tentam sempre acompanhar os seus filhos nas brincadeiras embora que, por vezes, não o realizem da melhor forma.

Ao elaborarmos este estudo, tornou-se importante salientar o papel da escola no enquadramento teórico porque de facto a escola oferece um espaço orientador do ato de brincar e ao compreendermos o funcionamento das famílias torna-se possível adequar a nossa intervenção ao tipo de família.

Durante a realização deste estudo sentimos algumas dificuldades, considerando como principal o pouco tempo de PES. Foi devido a este fator que fomos impossibilitadas de realizar um questionário também às crianças semelhante ao que realizámos aos pais das mesmas com vista a perceber se as respostas dos pais vão ao encontro das respostas dadas pelos seus filhos. Também devido ao mesmo fator não conseguimos aprofundar e estudar o motivo pelo qual os pais não sistematizam o faz-de-conta na prática do brincar.

O estudo em causa, não se encontra suscetível de ser generalizado ou representativo da classe parental, uma vez que a amostra é reduzida e particularizada a um contexto limitado. O mesmo poderá ser alargado, utilizando um número maior de encarregados de educação, promovendo conclusões mais amplas, de modo a ser possível determinar as práticas da família no planeamento do brincar no quotidiano reforçando a qualidade do seu exercício.

Ao realizarmos este relatório, tivemos oportunidade de utilizar metodologias específicas que, certamente, nos irão aprofundar conceitos que nos serão muito úteis em futuros trabalhos de investigação.

Enquanto futuras profissionais, consideramos que este estudo terá grande utilidade nos nossos percursos na medida em que nos irá facilitar a promoção de

situações de ensino/aprendizagem por via da brincadeira apoiando a nossa intervenção com maior conhecimento adquirido acerca deste fenómeno educativo.

Referências bibliográficas

- Barbosa, S. (2013). *A importância do jogo simbólico no desenvolvimento da criança de dois anos*. (Tese de mestrado no publicada): Escola Superior de Santa Maria: Porto.
- Bettelheim, B. (2003). *Bons pais - o sucesso na educação dos filhos*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bomtempo, E. (s.d.). *Brinquedo e Educação: na Escola e no Lar*. Lisboa: Instituto de Psicologia.
- Borges, A. (2008). A criança, o brincar e a interação entre pais e filhos. *Revista Educação Popular, Uberlândia*, pp. Vol. 7, 120-126.
- Brito, A. (2012). *A ludicidade no Jardim de Infância*. Beja: Escola Superior de Beja.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação - Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, M. (1989). *Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas*. Campinas: Papirus.
- Garvey, C. (1992). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1995). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homem, C. (Dezembro de 2009). A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância. *Cadernos de educação de infância nº 88*.
- Kamii, C. (2003). *A teoria de Piaget e a educação pré-escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kishimoto, T. M. (1994). O jogo e a educação infantil. *Revista Perspectiva*, pp. v. 12, nº 22. Obtido de Universidade Federal de Santa Catarina.
- Landin, F., Beraldo, K., Oliveira, L., & Taveira, R. (2010). As interações quantitativas e qualitativas entre pais e filhos na prática de jogos e brincadeiras. *Revista de Ciências da Educação*, 22.
- Mendosa, S. (3 de Outubro de 2012). *Monografia - o lúdico: jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil*. Obtido de Pedagogia ao pé da letra: <http://pedagogiaaopedaletra.com/monografia-o-ludico-jogos-brinquedos-e-brincadeiras-na-construcao-do-processo-de-aprendizagem-na-educacao-infantil-pdf/>
- Monteiro, M., & Gomes, C. (2003/2004). *A importância do jogo no desenvolvimento da criança*. Obtido de <http://www.cgomes.uac.pt/TE/Estagio/03-04/Brincar/jogo.htm>
- Moreira, V. (1998). *A criança dos 2 aos 6 anos*. Porto: Ambar.
- Mrech, L. M. (2 de Janeiro de 2001). *Além do sentido e do significado: A concepção psicanalítica da criança e do brincar*. Obtido de Educação Online: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=153:alem-do-sentido-e-do-significado-a-concepcao-psicanalitica-da-crianca-e-do-brincar&catid=9:psicanalise&Itemid=20

- Neto, C. (2003). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Cruz Quebrada: FMH Edições.
- O'Grady, I. (2007). *Lazer junto com as mães: restrições ao lazer infantil*. (Tese de mestrado): Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Pacheco, J. (1995). *O pensamento e a ação do professor*. Porto: Porto Editora.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Piaget, J. (1964). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Poletto, R. (Janeiro/Abril de 2005). A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, pp. 67-75.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1987). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, J. (2012). *As brincadeiras livres no jardim de infância: percepções da educadora e dos pais de uma criança*. (Tese de mestrado não publicada): Universidade do Algarve: Faro.
- Tiba, I. (2007). *Quem ama, educa! Formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integre Editoria.
- UNESCO. (1998). *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Obtido de Educação um tesouro a descobrir:
<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>
- UNICEF. (1990). *Convenção sobre os direitos da criança*.
- Viegas, L. (2007). *O brincar de ontem, na infância dos educadores de hoje*. (Tese de mestrado não publicada): Faculdade de ciências humanas e sociais: Faro.
- Vygotsky, L. (1994). *Pensamento e Linguagem*. Brasil: Ridendo Castigat Mores.
- Vygotsky, L. S. (1991). *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1965). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S. A.
- Zuccolotto, S. (2009). A desvalorização do brincar pela família do século XXI. *Revista Don Domênico*, 2.

Anexos

Anexo 1 – Questionário aplicado

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): _____

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: _____

	Mãe	Pai
Idade		
Profissão		

1.5. Habilitações literárias do pai: _____

Habilitações literárias da mãe: _____

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais			
Brinca sozinho(a)			
Brinca com outros familiares adultos			
Brinca com os irmãos			
Brinca com crianças amigas / conhecidas			

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? _____

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.		
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.		
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		
Brincar é um direito da criança.		
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.		
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).		
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.		
Brincar só é útil para passar o tempo.		
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.		
É mais importante estudar do que brincar.		
É um meio eficaz de educar a criança.		
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.		
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.		
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.		
As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.		

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música			
Ver televisão			
Ver livros			
Utiliza o computador			
Brinca com brinquedos comprados			
Ajuda nas tarefas domésticas			
Brinca com os pais / encarregados de educação			
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa			
Parque infantil			
Jardim público			
Instalações desportivas			
Rua			
Centro Comercial			
Cinema			
Teatro			
Café			
Casa de familiares / amigos			
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? _____

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: _____

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: _____

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Anexo 2 – Pedido de autorização à aplicação dos questionários

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Sara Filipa Vieira Saraiva

Assunto: Pedido de autorização para a colaboração num estudo para Relatório Final de Mestrado.

Exmas. Sr^{as}: Diretoras do Colégio Infantil Imaginário,

Venho por este meio, solicitar a vossa autorização para a colaboração dos Encarregados de Educação da Sala das Cerejas, do Colégio Infantil Imaginário, para o preenchimento de questionários, cujo objetivo será recolher informação pertinente sobre o brincar entre pais e filhos e qual a noção dos pais relativamente ao tipo de brincadeiras utilizadas com os seus filhos, no âmbito da investigação por mim desenvolvida.

É garantida, desde já a confidencialidade dos resultados, visto que estes apenas se destinam a fins de tratamento estatístico.

Agradeço, a vossa atenção para a realização do trabalho, cujo objetivo será a finalização do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Atenciosamente,

Sara Saraiva

Anexo 3 – Questionários preenchidos

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

- 1.1. Género: M F
- 1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F
- 1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4 anos
- 1.4. Número de pessoas do agregado familiar: _____

	Mãe	Pai
Idade	<u>38</u>	<u>38</u>
Profissão	<u>Ed. Infância</u>	<u>TEC. Telecomunicações</u>

1.5. Habilitações literárias do pai: 11^º

Habilitações literárias da mãe: licenciatura

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais		<input checked="" type="checkbox"/>	
Brinca sozinho(a)	<input checked="" type="checkbox"/>		
Brinca com outros familiares adultos		<input checked="" type="checkbox"/>	
Brinca com os irmãos		<input checked="" type="checkbox"/>	
Brinca com crianças amigas / conhecidas	<input checked="" type="checkbox"/>		

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? _____

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Brincar é um direito da criança.		
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar só é útil para passar o tempo.		<input checked="" type="checkbox"/>
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	<input checked="" type="checkbox"/>	
É mais importante estudar do que brincar.		<input checked="" type="checkbox"/>
É um meio eficaz de educar a criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		<input checked="" type="checkbox"/>
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	<input checked="" type="checkbox"/>	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	X	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música		X	
Ver televisão	X		
Ver livros	X		
Utiliza o computador		X	
Brinca com brinquedos comprados	X	X	
Ajuda nas tarefas domésticas		X	
Brinca com os pais / encarregados de educação		X	
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa		X	
Parque infantil	X		
Jardim público		X	
Instalações desportivas		X	
Rua		X	
Centro Comercial		X	
Cinema		X	
Teatro		X	
Café		X	
Casa de familiares / amigos		X	
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

faz de conta que faz a refeição do dia,
faz de conta que sou o pai ou mãe.

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

carros, bolas, legos

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? _____

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Ajudar a estruturar mentalmente e a conhecer melhor o mundo

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: faz de conta na casinha, jogos de grupo, jogos de mesa

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: blocos lógicos, langran,

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

É a brincar que a criança
conhece o mundo. Devamos oferecer
às crianças oportunidades de brincadeira
de forma que possam experimentar
e desenvolver as suas reais capacidades.
É desta forma se sentem mais seguras.

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 3

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 3

	Mãe	Pai
Idade	30	30
Profissão	Educadora Infância	Assistente administrativo

1.5. Habilitações literárias do pai: 12º Ano

Habilitações literárias da mãe: Licenciatura

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	X		
Brinca sozinho(a)		X	
Brinca com outros familiares adultos	X		
Brinca com os irmãos			
Brinca com crianças amigas / conhecidas		X	

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? _____

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	✓	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	✓	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		✓
Brincar é um direito da criança.	✓	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	✓	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	✓	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	✓	
Brincar só é útil para passar o tempo.	✓	
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	✓	
É mais importante estudar do que brincar.		✓
É um meio eficaz de educar a criança.	✓	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	✓	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		✓
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	✓	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	✓	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.



2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música	✓		
Ver televisão	✓		
Ver livros	✓		
Utiliza o computador		✓	
Brinca com brinquedos comprados		✓	
Ajuda nas tarefas domésticas		✓	
Brinca com os pais / encarregados de educação	✓		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa	✓		
Parque infantil	✓		
Jardim público		✓	
Instalações desportivas			✓
Rua	✓		
Centro Comercial		✓	
Cinema			✓
Teatro			✓
Café		✓	
Casa de familiares / amigos		✓	
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Brinca com bonecos ou bebés, quase todos os dias.

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Gosta de brincar com as chaves de brincar e tapa os bebês com mantas, fraldas de pano, panos de cozinha, etc.

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? através da música e puxo pela criatividade

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

reunio, ela lida com os seus medos falando com as bonecas do mesmo jeito que fala com ele

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: muitas aulinhas gatinhando, fazendo de bebês ou de mãe, puzzles

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: puzzles, áreas estruturadas com materiais adequados, jogos de memória e construção.

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.		
--	--	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música			
Ver televisão	<input checked="" type="checkbox"/>		
Ver livros		<input checked="" type="checkbox"/>	
Utiliza o computador		<input checked="" type="checkbox"/>	
Brinca com brinquedos comprados	<input checked="" type="checkbox"/>		
Ajuda nas tarefas domésticas			<input checked="" type="checkbox"/>
Brinca com os pais / encarregados de educação	<input checked="" type="checkbox"/>		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa		<input checked="" type="checkbox"/>	
Parque infantil		<input checked="" type="checkbox"/>	
Jardim público		<input checked="" type="checkbox"/>	
Instalações desportivas		<input checked="" type="checkbox"/>	
Rua	<input checked="" type="checkbox"/>		
Centro Comercial	<input checked="" type="checkbox"/>		
Cinema		<input checked="" type="checkbox"/>	
Teatro			<input checked="" type="checkbox"/>
Café		<input checked="" type="checkbox"/>	
Casa de familiares / amigos	<input checked="" type="checkbox"/>		
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Super Heróis, Lagart, e l...
BUCAS VEZES

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Brinquedos estruturados, massinhas e l.

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? É sempre o Herói

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Para desenvolvimento dele muito pouco, mas sim para acabar ou pouco qto não é tudo como vê na I.V.

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: Teatro, Jogos coletivos, etc.

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: Jogos, brinquedos de montagem, (Lego), canos etc.

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M

~~F~~

1.2. Género do(a) seu/sua filho(a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 3 anos

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 3

	Mãe	Pai
Idade	<u>34</u>	<u>33</u>
Profissão	<u>Barbança</u>	<u>Barbança</u>

1.5. Habilitações literárias do pai: licenciatura

Habilitações literárias da mãe: licenciatura

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	<input checked="" type="checkbox"/>		
Brinca sozinho(a)	<input checked="" type="checkbox"/>		
Brinca com outros familiares adultos	<input checked="" type="checkbox"/>		
Brinca com os irmãos	<input checked="" type="checkbox"/>		
Brinca com crianças amigas / conhecidas	<input checked="" type="checkbox"/>		

← Primos

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? Convidos, fazer Bolos / Doceiros,
Puzzels, leitura, Tricicleto (convidos)
Regar plantas, alimentar galinhas...

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias (fazemos das 10h das manhãs do dia a dia uma Brimcadeiro)
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	X	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	X	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		X
Brincar é um direito da criança.	X	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	X	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	X	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	X	
Brincar só é útil para passar o tempo.		X
Brincar faz parte da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	X	
É mais importante estudar do que brincar.		X
É um meio eficaz de educar a criança.	X	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	X	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		X
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	X	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	X	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.

X

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música	(X)		
Ver televisão		(X)	
Ver livros	(X)		
Utiliza o computador		(X)	
Brinca com brinquedos comprados		(X)	
Ajuda nas tarefas domésticas	(X)		
Brinca com os pais / encarregados de educação	(X)		
Outra. Qual? <u>fazer comida/ Regar Hortas/ Plantar</u> <u>alimentar os galinhos</u>			

→ muito pouco

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa	(X)		
Parque infantil		(X)	
Jardim público		(X)	
Instalações desportivas			(X)
Rua		(X)	
Centro Comercial			(X)
Cinema		(X)	
Teatro		(X)	
Café			(X)
Casa de familiares / amigos	(X)		
Outro. Qual? <u>Próvia</u>	(X)		

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

A Brincadeira predileta é vestir e vestir os filhos (bonecos)

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Bonecas - tipo Newber

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? Questiono como ele acha que deve ser, o que vai acontecer, o que temo de fazer....

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

A imaginação quando Genado, Poteneis o sonho... e o que eu tenho sonho o homem realiza... isso embora a minha filha em particular não vive no mundo da fantasia o faz de conta da Diana é com objetos e situações do mundo real.

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: o jogo de Cadeira, esconde-escondido, ginástica...

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: no Real - Esconde-escondido, canos... na infância objetos variados, distribuídos por área (similar à distribuição das áreas de uma casa)

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Do que sei, relatado pelo meu
pequeno, a Sara conseguiu estabelecer
uma relação sólida, com ela é várias
vezes referida no discurso do dia que
teve;

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 3

	Mãe	Pai
Idade	34	36
Profissão	Professora 1.º ciclo	Engenheiro Informático

1.5. Habilitações literárias do pai: Licenciatura

Habilitações literárias da mãe: Licenciatura

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	X		
Brinca sozinho(a)	X		
Brinca com outros familiares adultos		X	
Brinca com os irmãos			X
Brinca com crianças amigas / conhecidas	X		

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? Escondidas; convidadas

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	X	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	X	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		X
Brincar é um direito da criança.	X	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	X	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	X	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	X	
Brincar só é útil para passar o tempo.		X
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	X	
É mais importante estudar do que brincar.		
É um meio eficaz de educar a criança.	X	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	X	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		X
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	X	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	X	

* Considero ambas importantes;

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	X	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música		X	
Ver televisão	X		
Ver livros	X		
Utiliza o computador		X	
Brinca com brinquedos comprados	X		
Ajuda nas tarefas domésticas		X	
Brinca com os pais / encarregados de educação	X		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa		X	
Parque infantil	X		
Jardim público	X		
Instalações desportivas		X	
Rua	X		
Centro Comercial		X	
Cinema		X	
Teatro	X		
Café		X	
Casa de familiares / amigos	X		
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Brincar às professoras, aos médicos, às
 feições; às princesas, às tendas (...)

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Brinquedos estruturados, mantas, lençóis, cadeiras, mesas, bonecos, roupas de destaque

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? Brinca representando o papel que temo que ser, ou este preocupada com a "realidade".

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

É importante, pois ao representar suas e suas pessoas, animais (...) faz-las viver a vida de outro ponto de vista, abrangendo a nossa imaginação.

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: Faz de conta; pinturas; brincos de casinhas, jogos

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: Blocos lógicos, puzzles, livros; jogos de encaixe, memorização, materiais de pintura (diversos), plastilina (...)

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Na educação pré-escolar acho muito importante estimular a brincadeira, o afeto e o cumprimento de regras (socialização). Toda a aprendizagem deverá ser feita de forma lúdica.

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

- 1.1. Género: M F
- 1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F
- 1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4
- 1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 3

	Mãe	Pai
Idade	34	37
Profissão	Formadora	Músico

- 1.5. Habilitações literárias do pai: LICENCIATURA / pós-graduação
- Habilitações literárias da mãe: Mestrado

2. A Brincadeira e a Família

- 2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	X		
Brinca sozinho(a)		X	
Brinca com outros familiares adultos		X	
Brinca com os irmãos			X
Brinca com crianças amigas / conhecidas			X

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? DESPORTO / DESENHO / PINTURA / JOGO DE CARTAS E TABULEIRO /
JOGO DIDACTICOS

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	X	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	X	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		X
Brincar é um direito da criança.	X	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	X	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	X	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	X	
Brincar só é útil para passar o tempo.		X
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	X	
É mais importante estudar do que brincar.		X
É um meio eficaz de educar a criança.	X	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	X	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		X
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	X	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	X	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	X	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música	X		
Ver televisão			X
Ver livros	X		
Utiliza o computador		X	
Brinca com brinquedos comprados	X		
Ajuda nas tarefas domésticas	X		
Brinca com os pais / encarregados de educação	X		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa	X	X	
Parque infantil		X	
Jardim público		X	
Instalações desportivas		X	
Rua		X	
Centro Comercial		X	
Cinema		X	
Teatro		X	
Café			X
Casa de familiares / amigos		X	
Outro. Qual? <u>Passos Ao Lume / Montanhismo</u>	X		

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

DESPORTO / SUPER HERÓIS: (COM FREQUÊNCIA), / INVENTAR
AS ESTÓRIAS

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

POISCOES

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? sobreretudo na construção de histórias a partir de palavras/desenhos

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Imaginação, criatividade, vocabulário, interação social, etc.

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: Histórias, teatro, atividades corporais, ou "atividades estruturadas"

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: livros, jogos de construção

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

- 1.1. Género: M F
- 1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F
- 1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4
- 1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 4

	Mãe	Pai
Idade	<u>37</u>	<u>50</u>
Profissão	<u>Doméstica</u>	<u>Supervisor logístico</u>

- 1.5. Habilitações literárias do pai: 2.º Ano Faculdade
- Habilitações literárias da mãe: 1.º Ano Faculdade

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca sozinho(a)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com outros familiares adultos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com os irmãos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com crianças amigas / conhecidas	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? Brincadeiras de bádium (escoveira, baloço, piscina), cozinhão

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		<input checked="" type="checkbox"/>
Brincar é um direito da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar só é útil para passar o tempo.		<input checked="" type="checkbox"/>
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	<input checked="" type="checkbox"/>	
É mais importante estudar do que brincar.		<input checked="" type="checkbox"/>
É um meio eficaz de educar a criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		<input checked="" type="checkbox"/>
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	<input checked="" type="checkbox"/>	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	Sim	
--	-----	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música	X		
Ver televisão	X		
Ver livros	X		
Utiliza o computador	X		
Brinca com brinquedos comprados	X		
Ajuda nas tarefas domésticas		X	
Brinca com os pais / encarregados de educação	X		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa	X		
Parque infantil	X		
Jardim público	X		
Instalações desportivas		X	
Rua		X	
Centro Comercial	X		
Cinema		X	
Teatro		X	
Café		X	
Casa de familiares / amigos	X		
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Cozinhar, Pica-pica, Limpeza, as profissões

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Brinquedos, materiais reciclados, utensílios de cozinha, roupa.

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? Fazee de conta que tem água, comida, algum tipo de profissão, cantor.

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Desenvolve o imaginário, torna-o criativo.

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: dança das cadeiras, jogos no tapete, plástico, aprender a pintar.

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: puzzles, legos, blocos, diapasões, livros.

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 3

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 4

	Mãe	Pai	
Idade	<u>35</u>	<u>35</u>	<u>irmã</u>
Profissão	<u>AUX. A.D.C. EDUCATIVA</u>	<u>TEC. MEC. MEC.</u>	<u>6</u> <u>ESTUDANTE</u>

1.5. Habilitações literárias do pai: 12º ano

Habilitações literárias da mãe: 12º ano

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca sozinho(a)	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com outros familiares adultos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com os irmãos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com crianças amigas / conhecidas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? _____

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	X	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	X	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		X
Brincar é um direito da criança.	X	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	X	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	X	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	X	
Brincar só é útil para passar o tempo.		X
Brincar faz parte da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	X	
É mais importante estudar do que brincar.		X
É um meio eficaz de educar a criança.	X	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	X	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		X
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	X	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	X	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	X	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música		X	
Ver televisão		X	
Ver livros	X		
Utiliza o computador		X	
Brinca com brinquedos comprados	X		
Ajuda nas tarefas domésticas		X	
Brinca com os pais / encarregados de educação	X		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa		X	
Parque infantil		X	
Jardim público		X	
Instalações desportivas			X
Rua	X		
Centro Comercial		X	
Cinema		X	
Teatro			X
Café		X	
Casa de familiares / amigos	X		
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Reitata o seu dia-a-dia; adopa beincas
à professora e a aluna em qual a
mae e a aluna.

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Brinquedos comprados.

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim Não

Se sim, de que forma? com contos tradicionais.
Ex: Capuchinho Vermelho, as Princesas, etc...

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Faz com que estimule o desenvolvimento
afetivo e ajuda na socialização com
adultos e crianças.

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim Não

Se sim, refira algumas: Jogos da cordão, macarouinho
do chinês, escondidas...

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim Não

Se sim, refira alguns: Jogos lúdicos para incentivar o
desenvolvimento das crianças a todos
os níveis.

5. Comentários e sugestões

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 4

	Mãe	Pai
Idade	38	41
Profissão	Analista Financeira	Comercial

1.5. Habilitações literárias do pai: Licenciatura

Habilitações literárias da mãe: Licenciatura

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	X		
Brinca sozinho(a)	X		
Brinca com outros familiares adultos		X	
Brinca com os irmãos	X		
Brinca com crianças amigas / conhecidas		X	

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? puzzles, escadas, canicas e demecol

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	X	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	X	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		X
Brincar é um direito da criança.	X	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	X	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	X	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	X	
Brincar só é útil para passar o tempo.		X
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	X	
É mais importante estudar do que brincar.		X
É um meio eficaz de educar a criança.	X	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	X	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		X
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	X	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	X	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	X	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música		X	
Ver televisão	X		
Ver livros	X		
Utiliza o computador		X	
Brinca com brinquedos comprados	X		
Ajuda nas tarefas domésticas		X	
Brinca com os pais / encarregados de educação	X		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa	X		
Parque infantil	X		
Jardim público		X	
Instalações desportivas		X	
Rua		X	
Centro Comercial			X
Cinema		X	
Teatro			X
Café			X
Casa de familiares / amigos		X	
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Fazer de comidas, imitar o que se vê na televisão

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

brinquedos habituais mas faz de conta que são outros coisas

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? incentivando lugares ou situações encenadas, de acordo de criança

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

desmolda a imaginação, a autoestima e diminui a afetividade pais-filhos

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: Jogos de grupo; hora do conto; espaços simbólicos como "casinha"; "oficina"; "teatro"; experiências "químicas"

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: Timbalas; esponjas; vários tipos de papel; jogos de construção; livros; bonecas

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Obrigada por tudo Sara!

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 3

	Mãe	Pai
Idade	32	35
Profissão	Ed. de Infância	Eng. de telecomunicações

1.5. Habilitações literárias do pai: Bacharelato

Habilitações literárias da mãe: Licenciatura

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	X		
Brinca sozinho(a)		X	
Brinca com outros familiares adultos	X		
Brinca com os irmãos			X
Brinca com crianças amigas / conhecidas	X		

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? Culinária, Plástica, Vê televisão e
faz recorte e colagem.

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	X	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	X	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		X
Brincar é um direito da criança.	X	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	X	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	X	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	X	
Brincar só é útil para passar o tempo.		X
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	X	
É mais importante estudar do que brincar.		X
É um meio eficaz de educar a criança.	X	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	X	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		X
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	X	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	X	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	X	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música		X	
Ver televisão	X		
Ver livros	X		
Utiliza o computador		X	
Brinca com brinquedos comprados	X		
Ajuda nas tarefas domésticas	X		
Brinca com os pais / encarregados de educação	X		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa		X	
Parque infantil	X		
Jardim público	X		
Instalações desportivas		X	
Rua		X	
Centro Comercial		X	
Cinema		X	
Teatro	X		
Café		X	
Casa de familiares / amigos	X		
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

Cerca de 30 min. por dia durante a semana, brincamos
 as mameiras, as mães e pais e as médicas.

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta. (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Mais brinquedos estruturados e alguns do dia-a-dia de casa, tais como: talheres, pratos, colheres de pau, massas cruas, Caixas etc

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? Fingo que estamos em locais e somos personagens da "antigamente" (príncipes, princesas, reis, rainhas.)

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Sim af. e ab. a estrutura e fortalecer características e dá a conhecer contados, medos, curiosidades e estrutura o estar em sociedade (partilhar em tudo)

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: Jogos, Cantar e Pintura.

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: Puzzles, livros, carrros, mobiliário diverso de faz-de-conta, plasticina etc

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:

Caros encarregados de educação

Este questionário destina-se a apoiar um projeto pedagógico, em Jardim de Infância, ligado ao Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar. Solicitamos aos pais / encarregados de educação, que respondam às questões formuladas. Caso alguma questão suscite dúvida, escreva a sigla NC (Não compreendi) para questões abertas.

Agradeço a colaboração,

Sara Filipa Vieira Saraiva

1. Identificação

1.1. Género: M F

1.2. Género do(a) seu/sua filho (a): M F

1.3. Idade do(a) seu/sua filho(a): 4

1.4. Número de pessoas do agregado familiar: 4

	Mãe	Pai
Idade	<u>43</u>	<u>42</u>
Profissão	<u>Eng^a Electrotécnica</u>	<u>Eng^o Electrotécnico</u>

1.5. Habilitações literárias do pai: Licenciado

Habilitações literárias da mãe: Licenciado

2. A Brincadeira e a Família

2.1. Com quem brinca o/a seu/sua filho(a) quando está em casa?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Brinca com os pais	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca sozinho(a)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com outros familiares adultos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com os irmãos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com crianças amigas / conhecidas	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.2. Que tipo de brincadeiras brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Videojogos ou jogos no computador
- Brinquedos de construção (legos, blocos lógicos, etc)
- Brincadeiras de faz-de-conta
- Outras

Quais? Leitura

2.3. Com que frequência brinca com o/a seu/sua filho(a)?

- Todos os dias
- No fim de semana
- De 1 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana

2.4. Pense no conceito "Brincar" e dê a sua opinião acerca das afirmações abaixo indicadas.

	Concordo	Não concordo
Brincar é agradável e divertido para a criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é uma atividade espontânea e voluntária.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Atualmente as crianças brincam durante demasiado tempo.		<input checked="" type="checkbox"/>
Brincar é um direito da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é o resultado natural de um processo de crescimento físico e cognitivo.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar proporciona à criança a possibilidade de se desenvolver a todos os níveis (física, mental, emocional e socialmente).	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é necessário para a criança aprender a viver e a comunicar.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar só é útil para passar o tempo.		<input checked="" type="checkbox"/>
Brincar faz parte da da educação da criança, ajudando-a a desenvolver-se no seio da família e da comunidade.	<input checked="" type="checkbox"/>	
É mais importante estudar do que brincar.		<input checked="" type="checkbox"/>
É um meio eficaz de educar a criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
É fundamental para o desenvolvimento das capacidades da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Brincar é um mero passatempo sem qualquer efeito para a criança.		<input checked="" type="checkbox"/>
Contribui para o desenvolvimento e para a socialização da criança.	<input checked="" type="checkbox"/>	
Pode melhorar e reforçar as relações entre pais e filhos.	<input checked="" type="checkbox"/>	

As atividades lúdicas devem ser usadas no processo de ensino-aprendizagem.	✓	
--	---	--

2.5. Quando o/a seu/sua filho(a) está em casa como ocupa o tempo livre?

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ouvir música			
Ver televisão	✓		
Ver livros	✓		
Utiliza o computador		✓	
Brinca com brinquedos comprados	✓		
Ajuda nas tarefas domésticas			✓
Brinca com os pais / encarregados de educação	✓		
Outra. Qual? _____			

2.6. Indique os lugares que frequenta com o/a seu/sua filho(a) nos tempos livres:

	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ficam em casa	✓		
Parque infantil	✓		
Jardim público		✓	
Instalações desportivas		✓	
Rua		✓	
Centro Comercial	✓		
Cinema		✓	
Teatro			✓
Café		✓	
Casa de familiares / amigos	✓		
Outro. Qual? _____			

3. Brincadeiras de faz-de-conta

3.1. Quais as brincadeiras de faz-de-conta que tem com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência?

labo e cordões ; brincar ao médico e paciente
fazer teatro ; dançar ; restaurante

3.3. Que materiais utiliza o/a seu/sua filho(a) quando brinca ao faz-de-conta (materiais de desperdício, brinquedos estruturados, etc)?

Plasticinas, mala de médico, caixas de música
piano, tambor, etc.

3.4. Incentiva a fantasia e a imaginação do(a) seu/sua filho(a) durante a brincadeira do faz-de-conta?

Sim

Não

Se sim, de que forma? Alterando a noção de tempo, espaço
e personagens. + velhos ou + novos. Estarmos noutro país.

3.5. De que forma acha que a brincadeira do faz-de-conta contribui para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social do(a) seu/sua filho(a)?

Permite-lhe agilizar o raciocínio, progredir com a imaginação
contactar fisicamente com coisas e pessoas "diferentes".

4. A Brincadeira e o Jardim de infância

4.1. Conhece algumas das brincadeiras que as crianças costumam realizar no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira algumas: pintura, teatro, ciência, ginástica

4.2. Conhece os diferentes materiais de enriquecimento pedagógico/brinquedos/jogos que são disponibilizados no Jardim de Infância?

Sim

Não

Se sim, refira alguns: Espaço de leitura/conto, espaço da pista
de carros, parque, labirinto, quebra-cabeça, etc.

5. Comentários e sugestões

Se considerar necessário, deixe aqui o seu comentário e sugestões:
